

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ

THIANNE DURAND MUSSOI

**TURISMO E TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS NA PRAIA DOS
INGLESES, CIDADE FLORIANÓPOLIS (SC)**

Florianópolis (SC)

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

THIANNE DURAND MUSSOI

**TURISMO E TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS NA CIDADE DE
FLORIANÓPOLIS (SC)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hotelaria pela UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Educação Balneário Camboriú.

Orientador (a): Prof^ª Dr^ª Dóris Van de Meene Ruschmann

Florianópolis (SC)

2008

Agradecimentos

Minha gratidão em primeiro lugar aos meus pais, Olga Celestina da Silva Durand e Eros Marion Mussoi, que sempre me apoiaram em todas as decisões por mim tomadas, pelo incentivo, apoio acadêmico, pessoal e profissional sempre! Minha mãe que sempre segurou o *tranco* quando eu pensava não segurar, sempre muito presente no meu trabalho, por sua experiência acadêmica, todo seu amor e companheirismo.

A meu irmão, Thiago Durand Mussoi e família: minha cunhada, Mariana de Figueiredo Balieiro Mussoi e meus sobrinhos: Anna Luiza de Figueiredo Balieiro Mussoi, Caetano Durand Mussoi e Cássio Balieiro Mussoi, pelo apoio e preocupação por mim.

A Aristides Faria Lopes dos Santos, colega de profissão, amigo e companheiro, que me acompanhou por 7 anos e 9 meses, pelo apoio profissional e pessoal.

A Ramona Mühlbach, companheira do meu pai, pelo apoio e carinho.

A todos os professores do Mestrado, em especial à Professora Yolanda Flores e Silva, minha primeira orientadora no Mestrado, que deu o primeiro *empurrão* desta dissertação e empreitada; a saudosa professora Roselys Isabel Correa dos santos (*in memoriam*), minha segunda orientadora do Mestrado, pessoa e profissional incomparável, que, sem sombra de dúvidas, deixará saudades sempre, em todos os sentidos; a Professora Dóris de Menn Van Ruschmann, minha terceira orientadora do Mestrado, pelo aceite de ter me acompanhado até o final; a professora Raquel Maria Fontes do Amaral, por sua inteligência, habilidade, incentivo pela academia, que com certeza, uma das profissionais mais competente que por “mim já passou”. A todas vocês lhes sou muito honrada e eternamente agradecida!!!

Aos professores que fazem parte desta banca: Professora Marília Hafermann, Professor Paulo dos Santos Pires, pelo aceite deste convite e colaboração ao meu trabalho.

Ao meu colega de profissão e amigo, Alex-Sandro e seus pais Maria e Manuel, sempre muito atenciosos e prontos a me ajudarem, na inserção na comunidade da Praia dos Ingleses, na qual, o estudo foi realizado.

Aos amigos Ana Bela Duarte Fernandez. e Cláudio Aguiar Fernandez, por terem disponibilizado dos seus tempos para me apresentarem a comunidade e aos sujeitos da Pesquisa.

Ao meu colega de hotelaria e amigo, José Fernando de Freitas, pelo apoio e disposição sempre em ajudar e facilitar à inserção na comunidade

As pessoas principais desta pesquisa, os 11 entrevistados: Sr. Manuel Oliveira, Dona Maria Vargas, Dona Nilda L.Silva, Sr. Natalício Silveira, Dona Laureci Santos, Sr. Otávio Lima, Dona Maria das Dores, Sr. Valcir G. da Silva, Dona Maria José N. da Silveira, Sr. Lercir G. Coelho, Sr. Abílio Silva, moradores da Praia dos Ingleses, que sempre estiveram à disposição e prontos para atender, com suas simplicidades de viver e inteligência de ser. Personagens que tiveram uma presença fundamental neste trabalho

Aos meus colegas e amigos do Mestrado de todos os cantos do Brasil, que proporcionaram muita troca profissional, acadêmica e pessoal.

A toda minha família, especialmente à Eva Maria da Silva Durand (Dinda) e Tânia Mendonça Caputti (Tia Tânia) e Alcida da Silva Durand (Vó Alcida), por todo o apoio, amor e carinho que tão bem sabem exercer.

Dedicatória

*Dedico aos meus Pais, Olga e Eros,
pela proteção e apoio incondicional!
Dedico também, a todos os entrevistados
desta pesquisa.*

SUMÁRIO

RESUMO	
1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Considerações sobre a Temática de Pesquisa	13
1.2 Objetivos	
1.3 Caminhos Metodológicos	13
2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS ACERCA DO TURISMO	16
2.1 Contextualização sobre o Turismo	16
2.1.1 Breve histórico do desenvolvimento do turismo e conceituação	16
2.1.2 Turismo na atualidade e tendências	17
2.1.3 Globalização da atividade turística	19
2.1.4 Massificação do turismo	21
2.1.5 Legado Cultural – Patrimônio e Turismo	23
2.2 Impactos do Turismo	27
2.2.1 Aproximações Conceituais sobre Impactos do Turismo	27
2.2.2 Impactos do Turismo na Praia dos Ingleses	31
3 TURISMO CATARINENSE: APROXIMAÇÕES CONTEXTUAIS	33
3.1 Turismo na Cidade de Florianópolis	33
3.1.1 Aspectos sócios espaciais e históricos de Florianópolis	33
3.1.2 Aspectos gerais do desenvolvimento turístico em Florianópolis	36
3.2 Turismo na Praia dos Ingleses	46
3.2.1 Contextualização histórica- geográfica da praia dos Ingleses	46
3.2.2 Transformação sócio-espacial da Praia dos Ingleses	48
3.2.3 Gênese do Turismo e da Urbanização na Praia dos Ingleses	52
3.2.4 Infra-estrutura e Equipamentos Turísticos	54
4 ANÁLISE INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	56

CONSIDERAÇÕES FINAIS

78

REFERÊNCIAS

82

ANEXOS

85

RESUMO

O turismo na cidade de Florianópolis (SC) iniciou seu crescimento na década de 1970. Logo se tornou intenção dos gestores públicos e empresários tornar a cidade um pólo turístico do Sul do País. Contudo, os fundamentos econômicos foram priorizados. Os aspectos socioculturais relativos à localidade receptora foram deixados em segundo plano, ficando alheios ao desenvolvimento turístico do município. Este quadro fragilizou a potencialidade turística de Florianópolis a longo termo. Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as mudanças socioculturais decorrentes do turismo na Praia dos Ingleses, em Florianópolis. Ao mesmo tempo em que se identificaram as representações sociais relativas ao turismo na comunidade, diagnosticaram-se os impactos socioculturais advindos desta mesma atividade. Optou-se por um trabalho empírico, o qual fez uso de visitas à comunidade, encontros com a Associação Comunitária, questionário sócio-econômico e entrevistas para descrição do processo de transformação social da comunidade em estudo. Foram entrevistados 11 moradores nativos da localidade dos Ingleses. Estes foram selecionados com base em sua idade cronológica, sob o requisito de terem entre 50 e 70 anos. Este parâmetro foi escolhido por se entender que assim os sujeitos haviam tido a possibilidade de acompanhar o desenvolvimento do turismo e as transformações territoriais entre as décadas de 1975 e 2005, ocorridos nos Ingleses. A seleção foi intermediada pela Associação Comunitária local, que indicou moradores nativos, os quais pudessem oferecer informações e depoimentos que revelassem os precedentes do turismo nos Ingleses. Identificou-se, por meio da análise dos questionários, que, por conta dos benefícios econômicos, a população nativa da Praia dos Ingleses aceita o turismo. Mas, é tácito que existem custos advindos do turismo como, por exemplo, a perda das tradições culturais, a desvalorização dos hábitos e costumes do local e carência de infra-estrutura básica. Constatou-se também que os sujeitos entrevistados reivindicam ao governo municipal projetos de desenvolvimento que priorizem o empreendedorismo local. Assim, acreditam que o turismo terá aspectos participativos e bases sustentáveis.

Palavras-chave: turismo, comunidade receptora, impactos socioculturais.

ABSTRACT

The growth of tourism activity in the city of Florianópolis (SC) began in the 1970s, when the plans of public managers and entrepreneurs became to transform the city into a tourism center for the South of Brazil. However, priority was given to economic aspects, while sociocultural considerations related to the tourism destination took a back seat, being excluded from the tourism development of the city. This scenario has ended up weakening the long-term tourism potential of Florianópolis. This study analyzes the sociocultural changes caused by tourism in the seaside resort of Praia dos Ingleses, Florianópolis. It identifies the social representations of tourism held by the local community, and diagnoses the sociocultural impacts caused by this activity. It takes an empirical approach, through visits to the local community, meetings with the Community Association, a socioeconomic questionnaire, and interviews to determine the process of social change in the community studied. 11 native inhabitants of the community of Ingleses were interviewed. These were selected based on their age, with the criterion that they must be aged between 50 the 70 years old. This parameter was chosen based on the understanding that these subjects would have witnessed the development of tourism and the territorial transformations that took place from 1975 to 2005. The selection was made with the help of the local Community Association, which recommended native inhabitants who might be able to offer information and statements about the history of tourism in the resort. It was identified, through an analysis of the questionnaires, that due to the economic benefits, the native population of the resort welcomes tourism. However, it is understood that there is a cost involved, such as the loss of cultural traditions, the devaluation of habits and customs of the region, and a lack of basic infrastructure. It was also observed that the subjects interviewed are lobbying the municipal government for the development of projects that will give priority to local entrepreneurs. Thus, they believe that tourism will have participative aspects and sustainable bases.

Key words: tourism, host community, sociocultural impacts.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Considerações sobre a Temática de Pesquisa

O objeto de estudo da presente pesquisa parte do entendimento de que as transformações socioculturais das comunidades receptoras na cidade de Florianópolis (SC), mais especificamente na Praia dos Ingleses, são transformações que devem ser observadas e compreendidas, dada à sua natureza e à possibilidade de as mesmas terem um caráter de impacto mais no âmbito dos limites do que das possibilidades exercidas pela ação do turismo como desenvolvimento sustentável equilibrado.

O turismo e suas transformações se fizeram sentir em Florianópolis a partir da década de 70 (FANTIN, 2000), no início do turismo de massa no município, quando brasileiros e argentinos, principalmente, descobrem a cidade como um lugar turístico. Este olhar sobre a região metropolitana de Florianópolis, sob a perspectiva turística, também chamou a atenção dos dirigentes e empresários, que entenderam que a cidade poderia se transformar em um pólo turístico, como mais uma fonte econômica a atrair divisas para o município.

A partir, dessa década, o turismo em Florianópolis passa a ser uma das principais fontes, com significativo valor, na geração de finanças para a cidade. Essa situação induziu o setor público e privado a voltarem suas atenções às necessidades oportunas impostas por este novo setor. Na década de 80, com a crescente vinda de visitantes à cidade, o turismo ganha definitiva relevância, e aos poucos vai se tornando uma importante atividade econômica, cujo investimento e lucro passam a ser a grande tônica, em detrimento das transformações socioculturais, decorrentes de um turismo sem base sustentável para as comunidades receptoras do interior da Ilha de Santa Catarina (FANTIN, 2000).

No entanto, apesar deste percurso empreendedor, o turismo de massa, que passou a ser a marca de Florianópolis, mostrou aos poucos a fragilidade do município no que se refere às transformações socioculturais, ou ambientais, variáveis fundamentais para um desenvolvimento sustentável e equilibrado das pessoas e do entorno em que habitam.

Sob a perspectiva acima, a presente pesquisa pretende analisar as transformações socioculturais ocorridas ao longo dos últimos anos na Praia dos Ingleses – Norte da Ilha de Santa Catarina - em função do crescimento do município de Florianópolis e do tipo

de turismo implementado na região. Partimos do pressuposto de que a dinâmica do turismo, para ser desenvolvida com sustentabilidade, deve estar preocupada inicialmente com o patrimônio humano local, que é a essência desta atividade, pois, para que o turismo tenha forte base de continuidade e desenvolvimento, deve preocupar-se com a aceitação, sensibilização e capacitação das comunidades autóctones¹.

A escolha por esta temática nasce de interrogações e desafios que nos instigam como Bacharel em Turismo e moradora da cidade de Florianópolis, procurando entender de que forma o turismo modificou a vida dos habitantes locais, de comunidades tradicionais, como a da Praia dos Ingleses.

Ao longo dos últimos trinta (1975 a 2005) anos, transformações socioculturais aconteceram em função do advento do turismo, com a demonstração dos contrastes no modo de vida entre anfitriões e visitantes, confrontos de valores, disputa de mercado de trabalho, disputa de terra, aumento do custo de vida e aumento da violência (LINS, 1994).

Entendemos que esta pesquisa ganha relevância porque questiona e pode tornar visível a ausência de um planejamento social adequado para o desenvolvimento do turismo na cidade, com o intuito de minimizar os impactos negativos e valorizar os impactos positivos, com o intuito de conhecer, interpretar e valorizar os impactos que beneficiem o desenvolvimento social da cidade, ao mesmo tempo em que se minimizem os impactos que desfavoreçam este desenvolvimento e prejudiquem os seus habitantes. Tal questão vai de encontro da acirrada divulgação da mídia sobre Florianópolis, a imagem intensamente apresentada nacional e internacionalmente, relacionando o turismo com as belezas naturais.

Dessa forma, algumas interrogações persistem e merecem uma investigação aprofundada: Quais transformações socioculturais inerentes ao turismo podem ser percebidas imediatamente em Florianópolis, na comunidade dos Ingleses? Que tipo de impacto estas transformações trouxeram à região? A população residente percebe tais transformações? Qual a responsabilidade dos órgãos públicos em relação a estas transformações?

Para responder a essas questões, procuramos obter um diálogo com teóricos e estudiosos da área para estabelecer uma interface com a sociologia e a antropologia, a fim de buscar subsídios que aportem as nossas interrogações e indiquem referenciais teórico-metodológicas para esta investigação.

¹ Autóctone: Que é oriundo de terra onde se encontra, sem resultar de imigração ou importação: povo autóctone;

Com base no acima exposto, apresentamos pressupostos que deram subsídios, os quais delinearão o problema de pesquisa. Segundo Vitória (2000), pesquisa qualitativa, que é um método utilizado por nós e descrito abaixo, nos caminhos metodológicos. Dado o seu caráter subjetivo e holístico, trabalhamos com pressupostos. Isto porque este tipo de investigação não busca provar a existência ou a finalidade do fenômeno estudado; a intenção da pesquisa qualitativa é a compreensão, a descrição e a interpretação do fenômeno estudado segundo as falas e os depoimentos dos entrevistados. Assim delineamos:

- turismo sem base sustentável gera impactos socioculturais de caráter que possibilitam ou limitam o desenvolvimento das comunidades receptoras;
- as transformações socioculturais têm representações sociais distintas entre as pessoas das comunidades receptoras.

A partir desses pressupostos, formulamos as questões que serão base de nossos questionamentos, no âmbito dos seguintes enunciados:

- Quais transformações socioculturais inerentes ao turismo podem ser percebidas imediatamente em Florianópolis, na Praia dos Ingleses?
- Que tipo de impacto estas transformações trouxeram à região?
- A população residente percebe estas transformações?
- Qual a responsabilidade dos órgãos públicos com relação a estas transformações?
- Como refletem no desenvolvimento turístico da cidade estes impactos (possibilidades e/ou limites)?

Mais especificamente, podemos traduzir esses interesses de pesquisa sob a seguinte ótica:

1.2 Objetivos

• Objetivo geral

Analisar as mudanças socioculturais decorrentes do turismo na Praia dos Ingleses, na cidade de Florianópolis (SC).

• Objetivos específicos

- Identificar fatos e ações importantes que demarcaram o desenvolvimento do turismo na cidade de Florianópolis, mais especificamente na Praia dos Ingleses, no período de 1975 a 2005;
- Caracterizar as representações sociais da comunidade em estudo a respeito do turismo;
- Descrever os impactos socioculturais ocasionados em função da atividade turística nessa comunidade, observando se os impactos socioculturais analisados são benéficos ou problemáticos para o desenvolvimento e a qualidade do turismo em Florianópolis.

1.3 Caminhos Metodológicos

A pesquisa foi do tipo qualitativa e classificada como teórica e de campo. A definição dos informantes só foi definida após visita preliminar à comunidade. Isto porque, segundo Minayo (1994), na pesquisa qualitativa é importante estabelecer um contato prévio com o *corpus*² a ser investigado, a fim de poder definir que instrumentos serão mais consistentes e adequados ao estudo proposto.

Os materiais de referência (qualificada como população/amostra) para a coleta de dados foram: livros, periódicos e referência eletrônica de caráter científico e acadêmico das áreas de antropologia, história, turismo e áreas afins com os conhecimentos pesquisados. Quanto aos moradores, optamos por entrevistar agentes comunitários, comerciantes, líderes comunitários, moradores envolvidos diretamente e indiretamente com o turismo e com a comunidade em estudo.

Os primeiros passos do procedimento da coleta de dados passaram: pela seleção e organização do material documental e bibliográfico e pela identificação de moradores e líderes comunitários, que inicialmente apoiaram no mapeamento da comunidade, bem como a localização de alguns moradores e a organização de um roteiro de entrevista com perguntas abertas para a coleta de informações junto aos moradores.

A análise dos dados foi realizada seguindo os seguintes procedimentos: no primeiro momento, fez-se a leitura e o contato inicial com os depoimentos e as falas dos entrevistados; organização do material e registro do material coletado (delimitação

² Corpus são as “falas” escritas e orais sobre um determinado fenômeno, assim como as pessoas, o ambiente e o que é importante para se chegar a um resultado ou investigação (DUCROT; TODOROY, 1972);

contextual, recortes, formas de categorização, escolha de codificação e conceitos teóricos que auxiliarão na análise). No segundo momento, com base no roteiro previamente organizado, foi realizada uma análise descritiva por meio de resumos e apoiada em referências históricas da comunidade. E, por fim, foi feita uma análise interpretativa dos dados, sob a luz de um referencial teórico, observando nos textos as expressões básicas e sua relação com o tema ou afinidades, identificando as enunciações temáticas que podiam ser inseridas na condição de categorias sob o enfoque sócio-cultural. Essa abordagem constituiu a base e a estrutura da finalidade da pesquisa.

O trabalho está constituído pelas seguintes partes: uma introdução que aborda considerações sobre a temática, acentuando o problema principal da pesquisa, bem como, delinea as principais interrogações feitas, os objetivos e os pressupostos levantados sobre a temática a ser investigada. Ainda na introdução anunciamos os caminhos metodológicos que foram feitos na pesquisa. Na seqüência, apresentamos os três capítulos, a saber: o primeiro disserta sobre aproximações teóricas acerca do Turismo, dentro do referencial teórico do projeto, a situação atual e importância do turismo em âmbito global, mais especificamente, trabalhos contextualizações sobre o turismo e os impactos do turismo; No segundo abordamos, uma forma contextual o turismo Catarinense, na perspectiva da Cidade de Florianópolis e da Praia dos Ingleses; No terceiro apresentamos a pesquisa e os seus resultados alcançados. Para encerrar o trabalho de pesquisa nos atemos a algumas considerações finais e apresentamos os anexos, que certamente colaborarão com alguns esclarecimentos sobre os procedimentos da pesquisa.

2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS ACERCA DO TURISMO

2.1 Contextualização sobre o Turismo

2.1.1 Breve histórico do desenvolvimento do turismo e conceituação

Abordamos aqui um sucinto histórico do turismo, com uma contextualização de suas diferentes etapas em nível mundial. Conforme aponta Ruschmann (1997), o turismo passou por quatro fases para atingir os moldes atuais. A primeira fase aconteceu no século XVIII, quando houve o despertar para a descoberta da natureza e das comunidades autóctones. Os turistas detinham certa curiosidade em relação ao meio visitado, indo ao encontro dos interesses dos habitantes usuais que no local residiam. Estes visitantes estavam interessados em aprender, relatando os aspectos singulares da região que descobriam, o que culminava com o desejo e a necessidade cada vez maior nos centros urbanos industriais.

A segunda fase entra em evidência no final do século XIX e início do século XX, período caracterizado pelo turismo dirigido e elitista, havendo um descaso com a proteção ambiental e social das comunidades receptoras. Devido à crescente demanda, houve um estímulo para as construções, gerando um *boom* imobiliário. Por mais que esse período tenha se caracterizado por uma fase de domesticação da natureza, as empresas turísticas detinham seus produtos às estações em seu entorno, ficando essa fase conhecida como *Belle Époque*.

A terceira fase caracteriza-se como o turismo de massa³. No decorrer do projeto abordaremos um capítulo especificamente relacionado a essa temática. Tal fase ocorreu a partir dos anos 50, atingindo seu apogeu no decorrer dos anos 70 e 80. A demanda do turismo nos países desenvolvidos aumentou sensivelmente em decorrência do Pós-Guerra, do avanço tecnológico e do crescimento econômico. Muitas zonas litorâneas que ainda eram inabitadas e de fácil acesso, com o decorrer dessa expansão, foram ocupadas, e em muitas aconteceu uma saturação devido à delimitação dos espaços. Este período foi o mais devastador e é caracterizado pelo período do domínio sem precedentes e avassalador sobre a natureza e as comunidades receptoras. Dissertamos sobre uma fase de excessos devido ao aumento incontrolável da quantidade de construções arquitetônicas diversas, com o predomínio dos concretos e o desordenado

³ Caracterizado pelo grande volume de pessoas que viajam em grupos ou individualmente para os mesmos lugares, geralmente nas mesmas épocas do ano (RUSCHMANN, 1997, p.110).

crescimento sem a infra-estrutura básica nas localidades turísticas, que foram intituladas como “pólos turísticos”. Um período catastrófico na conservação e sustentabilidade do meio ambiente.

Para melhor entendimento da história do turismo, conforme Barretto (1997), é primordial retornar à diferença entre o conceito de viagem, que trata do que se denominou de deslocamento, e o conceito de turismo, uma modalidade de deslocamento que exige a existência de recursos, de infra-estrutura, serviços, meios de hospedagem e transporte.

O conceito de turismo surge no século XVII, na Inglaterra, referindo-se a um tipo de viagem. A palavra *tour* quer dizer *volta* e tem seu equivalente no inglês *turn*; no latim, *tornare*. O conceito moderno de turismo é mais recente e decorre, sobretudo, da evolução dos meios de transporte e dos equipamentos de hospedagem.

2.1.2 Turismo na atualidade e tendências

Atualmente, em nível mundial, o turismo entra numa fase em que passa a considerar os riscos à segurança do meio ambiente, incluindo-se nesta denominação o ambiente natural e o social. Como aborda Ruschmann (1997, p.21), “a partir dos anos 70, a qualidade do meio ambiente começa a constituir elemento de destaque do produto turístico: a natureza e as comunidades receptoras ressurgem no setor dos empreendimentos turísticos, ainda massificados, porém adaptadas à sensibilidade da época”.

Em função desta realidade, consideramos a qualidade como um novo paradigma para pensar em fazer turismo, e cabe aos profissionais do *trade* turístico a avaliação da importância e dos cuidados que devem ter com os riscos, a segurança das pessoas e do seu entorno.

O turismo ganha impulso a partir de meados da década de 80, que se distingue como um período em que as práticas de lazer, nas quais a forma em que ele se sucedeu perde sua amplitude, dando maior valor à preservação do meio ambiente, ao turismo como profissão e turismo como gerador básico da economia de distintas cidades. A natureza e todos os seus componentes tornam-se impulsionadores para a descoberta e valorização de culturas locais, isto é, valorização da comunidade local, da educação e do espírito de aventura, originando, desta maneira, um novo mercado.

Trata-se, portanto, de uma nova era para o turismo, na qual os turistas buscam, e cada vez mais necessitam, pólos turísticos mais calmos, que proporcionem interação com a natureza, conhecimento mais profundo das regiões visitadas ibdem (1997), cuja questão ambiental objetiva a premente necessidade de controlar o crescimento desordenado quantitativo dos pólos e atrativos turísticos em todo o mundo.

A partir desta realidade e deste paradigma, Ruschmann apresenta-nos alguns prognósticos e tendências para o desenvolvimento do turismo na atualidade, dos anos 2000 – 2010. MARKUS SCHWANINGER (1989, p.602, apud Ruschmann, 1997, p.167) aponta várias tendências para os aspectos relacionados ao meio ambiente. São elas:

- Uma conscientização do estreito relacionamento do homem com seu meio natural ampliará a importância dos aspectos ambientais, estimulando os movimentos conservacionistas. Haverá uma rejeição aos projetos de equipamentos que excedam os limites da agressão ao meio para sua implantação, não apenas por parte dos especialistas, como também por parte dos turistas;
- As populações de áreas turísticas receptoras, que inicialmente viam com euforia o desenvolvimento do turismo em suas localidades, adotarão estratégias adequadas à preservação do seu patrimônio natural e cultural;
- As autoridades públicas e as instituições políticas, diante das pressões da opinião pública, contribuirão para o desenvolvimento dos interesses das comunidades e de seu ambiente original, definindo um planejamento adequado para cada caso e zelando para que as proposições sejam seguidas;
- Alguns dos esforços no sentido de preservar o meio ambiente ou alguns locais especificamente privilegiados pela natureza virão tarde demais, uma vez que algumas depredações são irreversíveis. Como consequência, ocorrerá o declínio de algumas destinações clássicas e haverá (lamentavelmente) o surgimento de “substitutas”, desenvolvidas em ambientes antes intocados;
- por outro lado, uma sensibilidade ambiental crescente estimulará os esforços no sentido de proteger, conservar e valorizar tanto o meio natural como sociocultural, criando a expectativa de que os empresários do turismo abandonem a visão estreita que têm dos seus negócios e o imediatismo do lucro e assumam uma mentalidade de planejamento em longo prazo, conscientizando-se de que uma estratégia ecológica viável será pré-requisito para o sucesso empresarial;

- a conscientização ambiental atingirá também o setor dos alojamentos turísticos. Se no passado a ênfase residia na construção de novos hotéis, o futuro indica uma “onda” de restaurações ou de prédios históricos ou de outros prédios em locais de treinamento ou de atendimento; a adaptação dos espaços para a atividade de lazer, tanto nas residências como nas áreas mais próximas, como forma de compensar a falta de contato com a natureza nos ambientes urbanos. Em tempos de grandes mudanças mundiais, sociais e econômicas, o turismo seguramente não fica excluído dessas transformações, muito pelo contrário, o turismo é uma área que depende de uma transdisciplinaridade em consonância com outras áreas. Portanto, torna-se fundamental para um posicionamento favorável das empresas privadas e órgãos públicos em municípios receptores de turistas o planejamento turístico, sendo fundamental para o desenvolvimento e bem-estar da comunidade local, diante a competitividade do mercado.

2.1.3 Globalização da atividade turística

Com o advento da globalização, era de se prever ou imaginar um período ou uma época de avanços tecnológicos que nos traria muito mais conforto e lazer.

O progresso da informática para os negócios e a facilidade na rede eletro – eletrônica em geral parecem estar introduzindo um futuro com mais praticidade e mais descontração (CASTRO, 2002). Mas esta afirmativa é, sem dúvida, uma mão de duas vias. A globalização traz mais praticidade e comodidade para os mais favorecidos, desemprego para os mais necessitados e falta de oportunidades de mão-de-obra.

O processo de globalização abriu portas, mas não provocou o real crescimento previsto no setor mundial turístico, como o esperado nos últimos anos. Ao contrário, foi e está sendo um crescimento de forma gradual e constante, levando em conta o acarretamento de variáveis de aceleração desse processo, como o estabelecimento da economia de mercado em alguns países e a liberação decorrente de fronteiras nacionais do mercado doméstico. Isso impulsiona grande prospecção do trabalho, abertura de acordo aduaneiro em escala internacional e a maior prosperidade geral. Conforme BENI (2003, p.27), ao contextualizar a globalização no setor turístico:

Também há que se destacar que esse novo crescimento econômico e essa prosperidade mundial promoveram o aumento do turismo de negócios e o crescimento discreto, porém constante, do número de famílias que poupam para “ver o mundo”. Os avanços tecnológicos dos transportes e das comunicações também contribuíram bastante

para possibilitar as viagens com tarifas mais reduzidas e, assim, mais acessíveis a um público maior. A globalização provocou uma mais ampla disponibilização e acessibilidade em amplitude mundial dos produtos, das instalações e dos serviços turísticos. O mercado de turismo mundial assistiu ao crescimento de novas destinações e ao investimento maciço de capital no desenvolvimento dos tradicionais países receptores.

Contudo, podemos dizer que a globalização abriu e está abrindo fronteiras que dêem oportunidades para as nações menos privilegiadas viabilizarem sua integração à economia mundial.

É de suma importância destacar que existe uma tendência de mundialização do turismo desde 1970, havendo uma diversificação nos destinos turísticos mundiais, com novas formas de comercialização de produtos turísticos tradicionais. Podemos ressaltar a acentuação nas tendências de turismo de “sol e praia” e o interesse por planejamentos de circuitos e roteiros turísticos culturais, destacando uma necessidade e priorização de um conceito de turismo relativamente novo, que é o turismo alternativo, como o ecoturismo, turismo de aventura, turismo no meio rural, salientando o turismo endógeno, que são os deslocamentos dos grandes centros urbanos para áreas mais reservadas, com expressivo patrimônio étnico-cultural, material e imaterial, em que podem ser vivenciadas experiências mais autênticas e genuínas, abstendo-se de um grande apelo meramente comercial. Como corrobora BENI (2003), “O mundo está penetrando no alvorecer de um novo tempo do turismo, uma era de viagens em escala maciça, verdadeiramente global. Pessoas das mais variadas classes sociais e de todos os países viajam para todos os quadrantes do planeta”. Podemos considerar que o mundo está passando por uma realidade social marcante. Com o avanço da tecnologia e do acesso à informação, existe mais motivação por viagens até então nunca pensadas e inéditas por diversos locais do planeta. Passamos por um tempo de transição; a globalização muda com a forma de fazer e enxergar o turismo doméstico e internacional, trazendo a prosperidade às regiões e nações emergentes, incentivando assim a massificação do turismo. Tema a ser abordado no capítulo dois deste projeto.

2.1.4 Massificação do turismo

Em detrimento à linha de raciocínio relacionada ao modo de globalização e internacionalização do turismo, o alvo principal, e um dos fatores de maior preocupação

à sustentabilidade do turismo, está relacionado ao turismo de massa⁴. Para as pessoas, de uma forma geral, ele pode ser visto como um processo de democratização das viagens, que antes eram socialmente seletivas. Com uma nova atitude de modo de vida, o avanço na tecnologia e a facilidade para o consumo, os turistas tidos como de “massa” acabam buscando prazer e atrações pouco originais, não se interessando pela vida real e autêntica do local visitado, e deste levam apenas lembranças, fotografias e filmagens para repassarem informações a conhecidos, multiplicando, assim, o número de visitas futuras ao mesmo local.

Este tipo de turismo se dá, na maioria das vezes, em áreas litorâneas, onde os turistas presenciam uma reprodução do folclore e dos costumes muito artificiais. Os visitantes exigem o mínimo de condições relacionadas à infra-estrutura, condições estas que em sua maioria são de baixa qualidade e muita quantidade.

De forma bastante pontual, Mingori (2001, p.20) argumenta sobre a necessidade de enumeração dos problemas mais significativos propagados pelo turismo massivo nos vários núcleos receptores do Brasil:

A aceleração do processo inflacionário em detrimento da população nativa, pois a população flutuante aumenta a demanda por bens e serviços, e os empresários elevam os preços em busca de lucro a curto prazo;

- A degradação ambiental cometida em prol dos grandes empreendimentos turísticos, podendo até mesmo comprometer o ecossistema;
- O uso do solo urbano de forma especulativa, sob o símbolo do desenvolvimento, através do turismo constitui outro problema, agravado com a sobreposição de grandes grupos econômicos à frente dos negócios;
- A concessão de subsídios às elites locais ou a grupos estrangeiros no financiamento dos empreendimentos;
- A associação do turismo de massa ao neocolonialismo. A cultura sofre o chamado efeito “demonstração”, ou seja, é vista e fotografada como um espetáculo, além da potencial descaracterização com a introdução de novos hábitos à população nativa;

⁴ Conforme corrobora Ruschmann (1997, p.110), o turismo de massa é caracterizado pelo grande volume de pessoas que viajam em grupos ou individualmente para os mesmos lugares, geralmente nas mesmas épocas do ano – vem sendo considerado o maior agressor dos espaços naturais. O excesso de turistas conduz ao superdimensionamento dos equipamentos destinados a alojamento, alimentação, ao transporte e entretenimento, que impreterivelmente ocupam grandes espaços – agredindo paisagens e destruindo ecossistemas. Além disso, a falta de “cultura turística” dos visitantes faz com que se comportem de forma alienada em relação ao meio que visitam – acreditam que não têm nenhuma responsabilidade na preservação da natureza e na originalidade das destinações. Entendem que seu tempo livre é sagrado, que têm direito ao uso daquilo pelo qual pagaram e que, além disso, permanecem pouco tempo – tempo insuficiente, no seu entender, para agredir o meio natural;

- Por fim, deve-se destacar que a falta de infra-estrutura é um problema significativo nas comunidades receptoras, mas a implantação de infra-estrutura direcionada especificamente ao turismo forma verdadeiras “ilhas de luxo”, a exemplo dos *resorts*. Isto vem a agravar ainda mais as disparidades sociais e econômicas entre “ricos” visitantes e os “pobres” nativos.

O turismo, na atualidade, tem assumido um papel de fundamental importância na economia mundial, embora fique limitado e influenciado pela expansão comercial e financeira, sem uma preocupação maior com os danos acarretados à esfera ambiental, como também com os problemas de ordem social e cultural nas comunidades autóctones.

2.1.5 Legado Cultural⁵, patrimônio e turismo⁶

Em detrimento do advento da globalização do turismo e a massificação na atividade turística, discute-se e pesquisa-se muito sobre a questão cultural no turismo. Partimos da premissa de que o alicerce da atividade turística no legado cultural é aquele que tem como atrativo básico o patrimônio cultural, seja ele material ou imaterial.

O patrimônio material possui infinitas variedades de manifestações da cultura⁷ imaterial, chamada simbólica na antropologia, em que podem ser elencados os costumes, hábitos, as vivências, danças, culinária, o vestuário, herança, música, literatura popular, os modos de vida, que atraem os interesses dos visitantes nas comunidades locais tradicionais BARRETTO (2000).

O auge do turismo de massa sacrificou o turismo cultural. Com o decorrer do tempo, as crenças tornaram-se generalizadas, a cultura perdeu seu charme, passando a ter um padrão cultural em diversas etnias. A tendência de explorar os recursos naturais,

⁵ legado Cultural mantém a continuidade cultural, é um nexo dos povos com o seu presente BARRETTO (2000);

⁶ AZEVEDO (p.134, 2002) sugere, para melhor compreensão do capítulo, esclarecer algumas coerências conceituais: cultura, no caso desse tripé em estudo, é a força maior, mais abrangente, geradora de patrimônio(s), elemento subjacente ao turismo. Força que envolve o pensar, o sentir, o fazer, o viver, enfim, representa, portanto, o código mais profundo que revela a feição singular de um povo, ou seja, sua identidade. Patrimônio condensa acumulação: de bens herdados, construídos e/ou em construção. Envolve o “tempo trípode”, mesclando temporalidades diferentes: passado, presente e futuro. Turismo, por sua natureza e essência, implica a busca de diferenças. Diferenças traçadas pela cultura e pelo patrimônio. Ao repensar um dos veículos mais importantes de divulgação cultural, o turismo emerge, ele próprio como instrumento de reafirmação de cultura(s) e de patrimônio singular;

⁷ BURNS (p.78, 2002) afirma e justifica dizendo que a cultura introduzida no turismo possui dois vieses: a cultura pode ser vista como um recurso comercial, especialmente a cultura percebida como singular ou incomum pelos atores, incluindo os especialistas em marketing turístico e planejadores; compreender as relações entre os sistemas turísticos e a cultura pode ajudar a evitar ou minimizar impactos negativos sobre uma cultura anfitriã, que ocorrem como consequência da recepção de turistas;

culturais e históricos, passando a ser tratados de forma capitalista, consumista e direcionando os interesses ao lucro, disparatando a degradação de alguns lugares e aumentando o desordenado crescimento populacional nas localidades. Jafar Jafari contextualiza em poucas palavras a respeito desta degradação cultural: “a observação comum a respeito dos impactos culturais é de que o turismo reduz os povos e sua cultura a objetos de consumo e ocasiona desajustes na sociedade receptora⁸. Barretto (2000) corrobora ainda dizendo que “teme que, com os núcleos turísticos, aconteça o mesmo que com qualquer produto da sociedade de consumo. Quando um produto deixa de ser comprado, os fabricantes o destacam e o substituem por outro. Só que, no caso do turismo, o “produto” são populações inteiras, que quando os turistas já não as quiserem como objeto de consumo, não poderão ser jogadas no lixo. O que será feito então?

Uma interrogação como esta torna polêmica a discussão, pois o turismo, em alguns locais, não generalizando, está descaracterizando-se em relação à população local por questões eminentemente econômicas.

Nas décadas passadas, foi constatado que o turismo veio a contribuir para o desenvolvimento de inúmeras regiões que souberam planejar, respeitando e valorizando as culturas e tradições locais.

Com o direcionamento dos estudos de Wall para o turismo na Indonésia e prolongando suas atenções para os países em desenvolvimento, o autor constatou que: “O patrimônio deve ser conservado, melhorado e até usado. Deve ser visto como um recurso que pode ser gerenciado e compartilhado”. Especificamente no Brasil, cabe perguntar o que teria sido das cidades históricas de Minas Gerais se não tivessem sido transformadas em atrativo turístico. Na opinião de pessoas ligadas ao turismo em Florianópolis, por exemplo, as rendeiras teriam desaparecido há tempos se não fosse pelo turismo. A crítica é quando à transformação do patrimônio em bem de consumo. O patrimônio deixa de ser valioso por sua significação na história ou na identidade local e passa a ser valioso porque pode ser “comercializado” como atrativo turístico (ibidem, 2000, p.32 apud WALL, 1997, p.138).

Com a inserção da modernização, da globalização e da internacionalização, temos consciência de que as transformações humanas são mais comuns a estes adventos, em que todos os espaços são aspirados com uma padronização cultural, regidos pelas mesmas divulgações. Mas, em contrapartida, algumas comunidades se preocupam com o processo de reconstrução e conservação do patrimônio, atentando

⁸ ididem, 2000, p.30 apud JAFARI, 1994, p.12;

para o processo de sustentabilidade cultural nas comunidades receptoras. Segundo Barretto:

A revitalização⁹ de bairros inteiros para o consumo cultural e turístico, sobretudo em áreas centrais ou portuárias de cidades, também tem sido uma forma de permitir a conservação das construções históricas neles existentes. A reutilização de velhos prédios e mesmo armazéns com finalidade cultural ou recreativa, para o lazer da população local ou dos turistas, e a aquisição desses espaços para moradia, por intelectuais ou pessoas que procuram um contato com o passado, levam a uma valorização do local, como pode ser verificado nos inúmeros exemplos de bairros revitalizados, recuperados ou “gentrificados”¹⁰ em várias partes do mundo (ibidem, 2000, p. 34).

A atenção à revitalização do patrimônio histórico tem sido positiva, enobrecendo e valorizando o crescimento da etno-história e das representações do passado e do presente. Contribuindo para sustentabilidade do turismo cultural. Teme-se que o turismo de massa prejudique a integridade e o desenvolvimento pleno do turismo, sendo que o patrimônio é seu principal atrativo.

Como afirma AZEVEDO (2002, p.135), argumentando que, “embora a interação das variáveis Cultura/Patrimônio/Turismo seja teoricamente factível, na prática não é bem assim que acontece. O que domina são a dissociação do conjunto em segmentos estanques e a desarticulação de uma tessitura que é natural”. E, por estas várias razões:

1. Os bens e os serviços culturais têm uma variedade grande de uso, que não os estritamente vinculados ao turismo. Não foram (ou não são) criados para fins turísticos exclusivamente;
2. Tais bens, sobretudo os especificamente patrimoniais, têm como proprietários e administradores pessoas e/ou organismos que nem sempre demonstram interesse (e às vezes até se opõem) em manter atividades turísticas ligadas a esse patrimônio;
3. Bens patrimoniais são consumidos com mais rapidez do que são construídos. Mas, curiosamente, seu uso/desuso social muitas vezes é que condicionará sua própria sustentação;

⁹ ibidem (2000) revitalização refere-se a uma reestruturação espacial profunda, como expansão da área física do centro da cidade e difusão ao poder cultural;

¹⁰ Do inglês *gentrification*, que pode ser traduzido como “enobrecido” ou como renovação, refinamento ou revitalização ibidem (2000);

4. Ainda não se logrou definir, com clareza, a relação de benefício mútuo entre atrativos de visitação e organização funcional de estruturas de apoio logístico em locais relativamente próximos;
5. Via de regra, o relacionamento entre atores e segmentos envolvidos nas três áreas (cultura, patrimônio, turismo) tem sido conflitante – embora não tanto quanto anteriormente. No cotidiano, cultura e patrimônio aparecem mais ou menos conjugados como matéria de estudo, enquanto turismo vem associado a mercado de trabalho e lucro. Mesmo as linguagens diárias se distanciam. Enquanto cultura ressalta o valor intrínseco de patrimônio e identidade, turismo falta de destinação e atrativos;
6. Há uma questão recente funcionando em certa medida como complicador da tradição cultural. Trata-se da dificuldade de conciliação entre megaeventos que se espalham sob forma de grandes festivais (com utilização de esquemas promocionais e recursos eletrônicos de grande porte) e a sustentação de autenticidade que vem sendo cada vez mais requerida como efeito, elemento diferencial no caso de projetos turísticos. É o caso, por exemplo, do carnaval carioca, e será presumivelmente o esperado com a realização de Eco festivais do Rio São Francisco, com “as águas musicais” rolando nas margens do rio.

Algumas incertezas e dificuldades mencionadas anteriormente, permeiam, causando contrapontos ao desenvolvimento do turismo. A união de cultura, patrimônio e turismo, em algumas destinações, têm sido árdua para esse tripé entrar em um consenso, é óbvio que não propositalmente, mas sempre há uma intervenção para seu real funcionamento.

Para concluirmos alguns diálogos e pensamentos deste capítulo, tomamos como base algumas considerações e sugestões de *ibidem* (2002), no que diz respeito a supostas tendências que emergem o tripé da cultura, patrimônio e turismo. Partindo da premissa de que a ética no turismo está se fortalecendo em algumas comunidades autóctones, estas mesmas tendências vão se consolidando para um desenvolvimento com base local sustentável.

No mundo globalizado em que vivemos, há uma tendência de inversão do fluxo migratório das grandes metrópoles para pequenas localidades (centro – periferia); pessoas que vão em busca de mais tranquilidade, qualidade de vida longe de grandes centros, fuga da violência nas cidades mais urbanizadas, tentativa de retorno muitas vezes às suas origens.

Com a incorporação de recursos mais acessíveis de tecnologia, os pequenos centros urbanos estão mais equipados para pessoas que vêm dos grandes centros urbanos, culminando cada vez mais os interesses dos mesmos em optarem por suas moradias fixas nas periferias. Um novo tempo de exigências surge, pessoas em busca de autenticidade e experiências genuínas de vida afloram ao passar do tempo.

Passamos por um momento de interrogações, estudos e questionamentos pessoais estão em evidência. Interrogamos se a questão do resgate da valorização do patrimônio é modismo, visibilidade sustentável ou uma necessidade dos povos? Mas, independente da resposta, a valorização do patrimônio humano nas comunidades tradicionais é uma das primordiais tendências do legado cultural mundial, como associação de acontecimentos e tradições vivas, pensamentos, crenças e valores culturais. Em função da recente valorização, tais tendências são agora tidas como possíveis componentes do acervo cultural. Contudo, segundo *ibidem* (2002), entra o reconhecimento da história oral como método de pesquisa. A recuperação ou, melhor dizendo, a aproximação de resgate de memórias das comunidades tradicionais, que guardam uma preciosidade e agora transmitem através da oralidade de seus estilos de vida que até então pouco era valorizado e tampouco falado.

2.2 Impactos do Turismo

2.2.1 Aproximações Conceituais sobre os Impactos no Turismo

Investigar a interação entre turistas e população local é fundamental para compreender a alteração do estilo de vida e as mutações dos costumes locais. Conforme Burns (2002), esta relação varia de acordo com o número de turistas, o comportamento destes e dos moradores, o tempo de permanência do visitante e, ainda, o papel dos intermediários (fornecedores de serviços turísticos). Acrescenta-se o estágio de “desenvolvimento” das atividades de turismo neste processo.

Neste sentido, soma-se que fenômeno turístico é dinâmico e pode catalisar a aproximação ou o afastamento das pessoas e das comunidades das quais fazem parte. Dado o fato de colocar ao mesmo tempo, em um mesmo espaço, pessoas de diversas origens e pelas mais diversas motivações, acaba promovendo a pluralidade cultural da humanidade. Este contexto social é definido, conforme Castro (2002, 101), pelo tempo e pelo espaço em que acontece o fato [o encontro entre visitante e visitado], e ainda pelo conteúdo interativo [motivação deste encontro], que neste estudo focaliza-se no território da comunidade.

As mudanças provocadas pelo turismo podem ser distinguidas entre o enfoque das possibilidades e os limites, ser consideradas positivas e negativas ou ainda estar relacionadas com o custo/ benefício dessas transformações. Não é possível desenvolver turismo sem que haja transformações ambientais, sociais, culturais e econômicas em uma localidade. De acordo com Moesch (2001, p.26), o “turismo é um processo sócio-cultural que ultrapassa o entendimento tal como função de um sistema econômico, ou seja, envolve todo o meio ambiente”. Os impactos do turismo referem-se a um conjunto de modificações ou seqüência de eventos provocados pelo desenvolvimento da atividade nas localidades receptoras. Resultam de um processo e não constituem eventos pontuais (RUSCHMANN, 1994, p.2).

Estes “custos” ou “impactos” sociais e culturais derivados da atividade turística levam tempo para aparecer e, como são mudanças qualitativas, podem ser sutis e de difícil mensuração, inclusive para os próprios moradores das localidades turísticas, os quais estão imersos em tal circunstância. Diante do até então exposto, evidencia-se a dualidade do fenômeno Turismo. Swarbrooke (2000) afirma-nos que: “Há um grande número de fatores que determinam se o resultado dos impactos sócio-culturais será positivo ou negativo num local específico”. Dentre eles:

- A força e a coerência da sociedade e da cultura locais;
- A natureza do turismo na localidade;
- O grau de desenvolvimento social e econômico da população local em relação aos turistas;
- As medidas tomadas, se for o caso, pelo setor público para administrar o turismo de modo a minimizar seus custos sócio-culturais.

Acentuam-se às comunidades locais: a manifestação de suas tradições culturais, o efeito sobre os seus valores e comportamentos sociais, bem como o reflexo sobre a identidade do grupo. Acrescentam-se três questões centrais a este debate, apontadas por Krippendorf (2001, p.67), a saber: Como vivem eles [os autóctones] a experiência do turismo? Quais suas motivações, interesses e necessidades? O que lhes traz, de fato, o turismo?

Ainda sobre a dimensão sócio-cultural do Turismo, Swarbrooke (2000) assim a defende, na sua forma ideal de ocorrência:

- Equidade, assegurando que todos os que investem no turismo sejam tratados de forma justa;
- Equivalência de oportunidade, tanto para os que trabalham na indústria do turismo tanto quanto para as pessoas que querem ser turistas;
- ética, em outras palavras, a indústria do turismo agindo com honestidade em relação ao turista e sendo ética na forma de lidar com os seus fornecedores e, igualmente, os governos destas localidades sendo éticos em relação a sua população local e aos turistas;

Equivalência de parceria, isto é, os turistas tratando os que o servem como parceiros iguais e não como subalternos.

Acredita-se que a participação ativa da população local no processo turístico pode garantir que os custos sociais da atividade turística nas comunidades locais sejam minimizados e que sua manifestação cultural, seus hábitos, crenças, rituais, valores e visão de mundo não sejam alienados, indo além, como base dos meios de tornar o desenvolvimento da atividade perene. Neste sentido levanta-se uma série de benefícios advindos das atividades comerciais do segmento de hospitalidade. São elas:

- O desenvolvimento, por parte dos moradores, do sentimento de orgulho dos recursos naturais da sua região e das características culturais da sua comunidade. O turismo reforça no morador o valor de viver naquele local e compartilhar daquelas características culturais, fortalecendo sua identidade (Besculides *et al*, 2002);
- O turismo permite que moradores e turistas entrem em contato com comportamentos e formas de convívio diferentes dos habituais. Isso contribui para a aquisição não-formal de conhecimentos e também para o desenvolvimento de tolerância perante o outro, o diferente (Besculides *et al*, 2002);
- O turismo favorece a criação de áreas, programas e entidades (governamentais e não-governamentais) de proteção da fauna e flora e de conservação de sítios arqueológicos e monumentos históricos (Ruschmann, 2002);
- O turismo contribui para o desenvolvimento de infra-estrutura na comunidade anfitriã. Em geral, ocorre a melhoria das condições de acesso, instalação ou expansão de canalização de água, esgoto, energia elétrica e outros serviços públicos (Aulicino, 2001);

- O turismo contribui para a geração de renda, criação de empregos e aumento na arrecadação de impostos (Aulicino, 2001; Ruschmann, 2002; Burns, 2002).

Cabe apresentar três fatores (Burns, 2002) que podem explicar a alteração nos estilos de vida e costumes dos moradores das comunidades anfitriãs: a comercialização das tradições, o efeito expositivo e a transação da cultura.

A **comercialização** ocorre quando as tradições da comunidade são disponibilizadas à compra e transformadas em espetáculo para turistas. Isso provoca no morador uma crise de identidade, acompanhada de um enfraquecimento dos seus vínculos com a comunidade. Isto é, a perda do senso de pertencimento ao grupo, ao local. O efeito **exposição** ocorre quando os turistas tornam-se modelos de comportamento aos moradores. A **transação da cultura**, por sua vez, é o valor, o bem cultural ou comportamento trazido de fora, afirmando que o processo de assimilação [será imposição?] de outra cultura não é passivo, mas negociado.

A este respeito, Weaver e Lawton (2001) defendem que a percepção dos moradores sobre os impactos do turismo tem duas dimensões. A extrínseca diz respeito às características da comunidade, incluindo: posição dentro do ciclo de vida (início, consolidação ou decadência do turismo na comunidade), sazonalidade (períodos de alta e baixa estação), proporção de moradores para turistas e proporção de turistas internacionais. A percepção dos moradores sobre os impactos do turismo é influenciada por estes fenômenos. Por exemplo, conforme a posição da comunidade no ciclo de vida, a percepção do morador pode variar; a mesma coisa vale para a sazonalidade, que permite períodos com e sem turistas. Já a intrínseca inclui características dos moradores, como: tempo de residência, envolvimento com o turismo e residência próxima às zonas de atividade turística.

Uma das tensões principais é o congestionamento de tráfego, com ruas cheias de tantos carros, ônibus e pedestres, pois seus espaços são sempre limitados. Um conceito importante de destacar é o da “obstrução”. As cidades (por menores que sejam) possuem funções diversas, como servir espaço para residência, lazer, comunhão, trabalho. Assim, um ponto de estrangulamento da expansão do turismo é aquele em que os fluxos turísticos obstruem a existência das demais funções da cidade e da população que nela habita. Nesta mesma linha de raciocínio, Oliveira (2003, p.38) afirma que

a cidade é atraente para um grande número de atividades, porém, ao mesmo tempo, há limites e problemas em virtude de seu caráter histórico e de sua malha urbana inalterável, sendo que às vezes isso

pode se tornar uma barreira para o desenvolvimento e a adaptação a uma nova realidade.

O sentimento de preservação do patrimônio deve estar presente tanto na comunidade receptora, quanto no operador que “convida” o visitante e no próprio turista. É justamente o valor percebido e atribuído a este patrimônio que o torna mais ou menos competitivo no mercado turístico e que ao mesmo tempo impede sua banalização e comercialização “vazia”. Os ambientes naturais e construídos devem ser manejados e valorizados para permanecerem atraindo visitantes, o que alimenta o binômio: manutenção física e valorização subjetiva.

2.2.2 Impactos do Turismo na Praia dos Ingleses

Segundo os depoimentos em pesquisas, todavia bibliográfica, o turismo na Praia dos Ingleses trouxe uma luz à vida da comunidade com a geração de novas oportunidades de empregos, proporcionando perspectiva de vida a inúmeros moradores. Por ser uma comunidade com infra-estrutura de serviços completa, muitos moradores se beneficiaram pela geração de empregos, minimizando seu deslocamento ao centro da cidade (MORETTO, 1993)

Muitos proprietários de terrenos à beira-mar, que não venderam seus imóveis, construíram comércio na comunidade, gerando emprego para a própria família e famílias locais. Parte destes comerciantes possui seu comércio e continua praticando a pesca artesanal esporadicamente.

Com a possibilidade de trabalhar e viver, mesmo que temporariamente, com o aluguel de suas casas, a comunidade neste sentido sente-se satisfeita, pois argumenta que o lucro com o aluguel de casa é muito alto e rápido, embora seja somente por três meses. Alguns nativos alugam casas também durante o ano, com a condição de que o inquilino saia no mês de dezembro, para que possam abrir suas portas aos turistas. Muitos deles também se submetem em alugar suas casas de moradia e ficam nos meses de temporada num galpão, geralmente atrás de suas casas (MORETTO, 1993).

Apesar de inúmeros impactos de ordem negativa que discorreremos, a comunidade de modo geral está satisfeita com o advento do turismo, alegando que ganharam boas condições de vida, e que sem ele de forma alguma chegariam ao “patamar” em que estão hoje, ressaltando que o interesse no turista é meramente financeiro. Falam também que nunca ganhariam com a pesca e agricultura o dinheiro que hoje ganham com o aluguel de casas.

Conforme os depoimentos, todavia bibliográficos, dos moradores em relação aos impactos negativos do turismo na Praia dos Ingleses, a comunidade destacou vários, entre eles a super população, pois a ocupação desordenada na região tornou-se o inimigo número um dos moradores. Em função deste adensamento desordenado, a população ficou prejudicada, principalmente em relação às infra-estruturas básicas e de vias de acesso, alegando muito congestionamento na alta temporada. A Praia dos Ingleses possui somente duas vias principais, conseqüentemente, ficou insuficiente para os moradores e turistas transitarem pela praia de carro nos meses de verão. A população também levantou o questionamento que muito preocupa os nativos, que é a proliferação de favelas, aumentando a prostituição, o uso e tráfico de drogas, gerando violência à mão-armada, assaltos a casas e constantes brigas, principalmente na temporada (MORETTO, 1993)

A descaracterização ambiental e a especulação imobiliária também foram pontos levantados pelos moradores, alegando que a geração desta violência descrita se dá em função de novos moradores, turistas e comunidade local.

Um impacto negativo que se destaca antes dos bens materiais é a memória, identidade deste povo com descendência açoriana, que perdeu seus costumes de plantio, da pesca, do seu artesanato típico, das suas crenças religiosas e das festividades religiosas; houve uma privatização material e de memória, associada a uma privatização simbólica capitalista, passando cada vez mais por um distanciamento da sua própria realidade (MORETTO, 1993).

3 O TURISMO CATARINENSE: APROXIMAÇÕES CONTEXTUAIS

3.1 Turismo na Cidade de Florianópolis – Ilha de Santa Catarina

3.1.1 Aspectos Sócio-espaciais e históricos de Florianópolis

Fazer uma contextualização sócio-espacial da cidade de Florianópolis torna-se imprescindível para a abordagem introdutória da formação histórica e sócio-espacial do litoral de Santa Catarina.

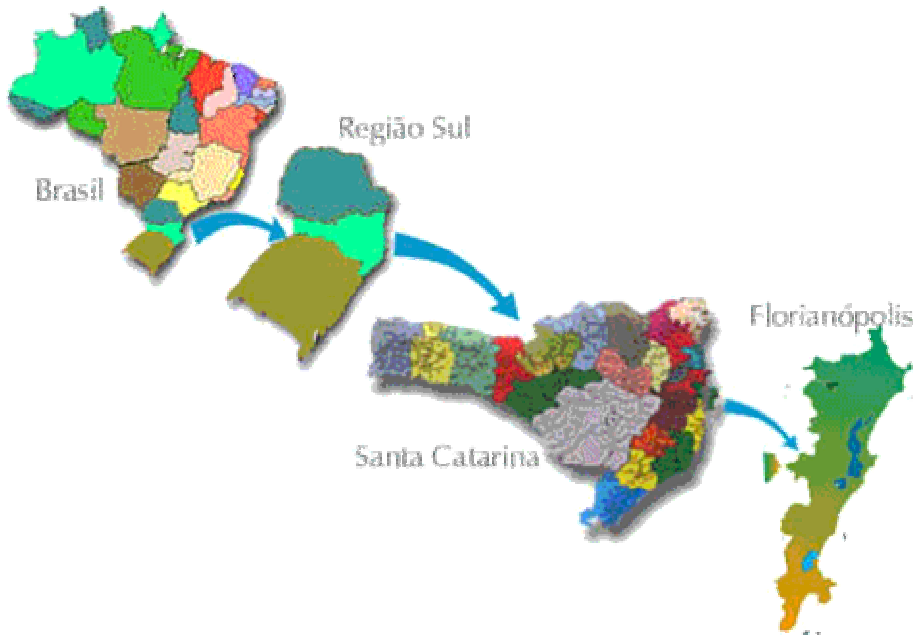
A formação sócio-espacial catarinense mostra que o quadro natural foi um dos elementos determinantes no processo de conquista do território, da mesma forma como aconteceu em todo o Continente Americano.

A primeira grande divisão regional catarinense, segundo VIEIRA e PEREIRA (1997), é aquela imposta pela sua dupla conformação de relevo: litoral e planalto, que constituem, do ponto de vista natural, as duas grandes unidades de relevo catarinense, apresentando, segundo PELUSO (*apud* VIEIRA e PEREIRA, 1997), “um planalto inclinado para o oeste e dissecado em formas tabulares, cujo limite oriental defronta área intensamente erodida em terrenos sedimentares e cristalinos, que termina em litoral, onde são visíveis os sinais de submersão e emersão da costa”. Essa conformação específica do relevo, combinada com os elementos naturais, sendo eles vegetação, hidrografia e solo, impulsionou para o povoamento do território e desenvolvimento das atividades humanas no Estado de Santa Catarina.

A malha viária catarinense refletiu um ritmo acelerado de desenvolvimento e se apoiou então no quadro econômico, social, político e espacial que fazia uma interligação e dava um impulso a partir de transformações ocorridas na estrutura política da formação social brasileira, expressas pela Revolução de 1930, em que os latifundiários inseridos no mercado interno se aliaram à burguesia industrial, passando a liderar a política de consolidação de identidade nacional.

A Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, a Capital do Estado, baseia-se nas atividades administrativas e terciárias como base de sua economia, na qual se insere a atividade turística. Está situada entre as latitudes 27°22' e 27°50', com aproximadamente 451 km² de área total, e direção geral NE-SW; é dividida em área insular de 438,90 km², e outra área continental de 12,10 km². A parte insular da Ilha apresenta uma forma alongada no sentido norte-sul e um contorno bastante recortado, que compõe baías, pontas e enseadas.

Figura 1: Mapa do Brasil; Região Sul; Estado de Santa Catarina e Cidade de Florianópolis



Fonte: Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis - IPUF 2000

Seu relevo é caracterizado pela associação de duas unidades geológicas maiores: elevações de maciços rochosos, em que são compostos o embasamento cristalino e as áreas planas de sedimentação, delineando, respectivamente, as denominadas serras litorâneas e planícies costeiras, unidades geomorfológicas que caracterizam a paisagem ilhoa (CECCA, 1996).

Em virtude de seu relevo marcado por morros, o processo de colonização de Florianópolis se fez por meio de pequenos núcleos, que por bastante tempo permaneceram isolados dos demais. A fonte de subsistência era garantida pela pequena produção agrícola e pela pesca nas comunidades tradicionais. Algumas comunidades, conhecidas como freguesias¹¹, preservam ainda nos dias atuais os traços característicos de sua colonização, como Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão da Ilha. Além disso, as antigas freguesias preservam também o conjunto arquitetônico, representando um importante papel na preservação da memória da cidade.

Entrando na fundação e no desenvolvimento da Povoação de Nossa Senhora do Desterro – atual Florianópolis - destaca-se a ocupação da Ilha, que até meados do século

¹¹ O termo “freguesia” identifica a vila com condição político-administrativa semelhante aos atuais distritos, portanto não sendo ainda considerada como uma cidade. Também pode ter a conotação de “povoação, sob o aspecto eclesiástico” (FERREIRA, A., 1986, pg, 810)

XVIII restringia-se, com raras exceções, à área original e às imediações do antigo povoado fundado por Francisco Dias Velho. Embora já houvesse a concessão das sesmarias antes mesmo da chegada dos açorianos, a ocupação mais intensa do seu interior só aconteceu com a imigração destes, mantendo-se a Ilha como porto de aguada, fornecedor de lenha, de diversos víveres e de madeira para os navios danificados.

De 1748 a 1756, desembarcaram em Santa Catarina cerca de seis mil imigrantes das Ilhas de Açores, sendo que os primeiros imigrantes aportados em 1748 e 1749 foram estabelecidos na Vila de Desterro e nos seus arredores. Para fixar as famílias, foram fundadas algumas freguesias no interior da Ilha, as quais até hoje se mantêm como comunidades tradicionais por estes motivos. (CECCA, 1996)

Dando continuidade à mesma bibliografia, as terras da Ilha de Santa Catarina não eram favoráveis à produção agrícola, não podendo ser comparadas e trabalhadas conforme a fertilidade dos solos vulcânicos dos Açores. O trigo, por exemplo, uma fonte de subsistência nos Açores, na antiga Desterro não se adaptou ao clima quente e úmido e ao solo arenoso-argiloso. A mandioca tornar-se-ia a principal fonte de subsistência dos açorianos, vindo a substituir a cultura do trigo. Em trinta anos já existiam 300 pequenos engenhos, sendo alguns de açúcar. Destaca-se aí uma das primeiras grandes transformações da Ilha de Santa Catarina, sendo os açorianos obrigados a desmatar, por meio de cortes e queimadas de árvores, a fim de que se desenvolvesse a agricultura (CECCA, 1996).

O interior da Ilha foi formado por inúmeras peculiaridades e características, que nos dias atuais tendem a desaparecer. Os habitantes dividiam-se entre os trabalhos da roça e da pesca. Desterro, se comparada às demais cidades portuárias do Brasil, demonstrou um pequeno déficit em seu desenvolvimento até metade do século XX, por mais que a imigração açoriana tenha representado um marco significativo no crescimento demográfico em sua história.

Com a mudança de nome, a cidade passou a ser chamada Florianópolis a partir de 1894, sendo vista com a fisionomia de uma capital produtiva, que se sustentava pelo comércio portuário, pela pesca e pela agricultura. Nas primeiras décadas do século XX, houve uma crise na atividade portuária e a estagnação da agricultura, sendo bastante acelerado, pois, o crescimento demográfico para a época, o qual foi muito desproporcional entre as cidades e as áreas rurais. Sendo assim, Florianópolis estava inserida na tendência planetária do êxodo rural, onde a produtividade da pesca ultrapassou a produtividade agrária, fazendo com que a produção de farinha e de mandioca fosse desaparecendo na Ilha.

Nas décadas de 80 e 90 do acentuado desenvolvimento urbano destacam-se uma acelerada busca e o interesse pela ocupação das praias, por parte da população local, haja vista a construção e o asfaltamento da BR 101 e das rodovias estaduais, localizadas dentro da Ilha de Santa Catarina, como a SC 401, em direção às praias do Norte; a SC 403, que liga Canasvieiras à Praia do Ingleses; a SC 404, que leva à Lagoa da Conceição; a SC 406, que segue ao Rio Tavares e, finalmente, a SC 405, que passa pelo Campeche, seguindo em direção à Armação e ao Pântano do Sul.

Com estas facilitadoras vias de acesso, está havendo uma degradação gradativa ao patrimônio cultural e natural das comunidades tidas como tradicionais.

Conforme (CECCA, 1996), o profundo e rápido processo de urbanização da sociedade florianopolitana deveu-se também à construção das duas novas pontes, uma nova avenida, que se torna a principal da cidade – Avenida Beira Mar Norte -, a instalação da Universidade Federal de Santa Catarina, em 1961, e de uma empresa estatal – a ELETROSUL, na década de 1970.

3.1.2 Aspectos gerais do desenvolvimento turístico em Florianópolis

O impulso à atividade turística na Ilha de Santa Catarina aconteceu por volta da década de 70 (FERREIRA, 1998), quando do *boom* do processo de *planejar o desenvolvimento*, época em que os planos de governo vislumbraram a possibilidade de explorar o potencial turístico de Santa Catarina, e de Florianópolis em particular. A partir de então foram formuladas políticas públicas de desenvolvimento turístico, nas quais o Estado passou a ser o responsável pela implantação da infra-estrutura local necessária para a expansão da atividade. O Conselho de Desenvolvimento do Extremo Sul (CODESUL), em estudo precursor sobre o turismo realizado em janeiro de 1970, apontava para a prioridade de o Estado de Santa Catarina ser a "canalização de investimentos" para uma política turística, definindo que a "trilogia básica de estímulo ao empresário: água, estrada, telefone – compete aos poderes públicos" (CODESUL, 1970). A *vocação turística* beneficiou-se da condição de a cidade ser capital de Estado, pois ela demanda grandes investimentos públicos.

O atual estágio de desenvolvimento do turismo em Florianópolis foi antecedido por um longo período da década de 80 a 90, no que se refere à evolução da cidade e dos costumes da população. A praia, inicialmente usada apenas como fonte de renda e sustento pelos pescadores, foi descoberta como espaço de lazer e realização de

piqueniques à beira-mar. Com o passar do tempo, o banho de mar se popularizou, e a praia tornou-se fonte de renda, embora em uma outra instância (PINHEIRO, 2002).

Segundo FERREIRA S. (1998, pg, 12,45), antes, as construções tinham seus fundos voltados para a praia, a qual recebia todos os detritos da população. Depois que o mar adquiriu uma nova significação, as construções passaram a ter suas fachadas principais voltadas para ele, buscando assim uma melhor apreciação. Este exemplo demonstra claramente a relação que ocorre entre os processos de urbanização e as mudanças de hábitos e costumes da população, cujas modificações ocorridas em um tendem a ser incorporadas pelo outro, e vice-versa.

Nos anos 80, ocorreu a consolidação do turismo – não apenas como um dos, mas como o fator realizador da *aspiração ao desenvolvimento* de Florianópolis. A pressão do empresariado do setor turístico sobre os recursos públicos, a ponto de transformar o turismo em alternativa preferencial de desenvolvimento econômico para o espaço local, provocou uma certa supervalorização do mesmo, apresentado como atividade capaz de retomar períodos prósperos da economia local, como solução para os males em função dos efeitos de redistribuição sobre o conjunto da população local. Apesar da sazonalidade, causa de muitos problemas de determinadas localidades, o turismo cada vez mais faz parte da realidade local. Ainda hoje se vive um ciclo econômico marcado pela monocultura do turismo, fator desestabilizador da economia local (CECCA, 1996).

O turismo deve ser visto como uma atividade complementar, fazendo parte da vocação natural da localidade. É evidente, porém, que se deva evitar a monocultura do turismo, pois fragiliza o ambiente econômico, oscilando períodos de alta e baixa temporada, dificultando um melhor aproveitamento dos benefícios oriundos da atividade. É importante destacar a inadequação de

planejar e implementar ações em nome do turismo, tão somente, sem levar em conta que, na verdade, um sítio é tanto mais atraente quanto melhor for a qualidade de vida em geral. Intervenções simplesmente 'turísticas' parecem norteadas por considerações que preconizam uma espécie de sociedade 'dual' (LINS, 1994).

Ressaltamos que a prática do turismo desenvolveu-se, exclusivamente, em função dos recursos naturais litorâneos, atraindo um turista que busca apenas distrair-se nas praias, sem o intuito de entrar em contato com a comunidade e com a cultura local. Em relação ao turismo na Ilha, assim se refere Vaz (1991, p. 52)

O turismo na Ilha de Santa Catarina foi canalizado para as suas praias, onde se realizou através do consumo massificado da

“natureza” e, de certa forma, desprezando o consumo da “cultura” local, como acontece em outros centros turísticos do País. Os aspectos de valorização e preservação da cultura de origem açoriana, embora lembrados constantemente por pesquisadores, foram considerados secundários perante o ímpeto do consumo das praias. A pesca artesanal e a pequena agricultura dos antigos colonos açorianos foram substituídas pelos serviços de apoio ao consumo das praias e pela moradia secundária utilizada durante o curto período de verão.

Vaz (1991, p. 53-4) destaca ainda a mercantilização da relação do turista com Florianópolis:

O turista internacional, ou mesmo de outras regiões do País, estabeleceu um envolvimento puramente comercial com o lugar graças à sazonalidade e, talvez, à eventualidade de sua presença. (...) Esta modalidade de turismo teve um impacto maior na área central de Florianópolis, constituindo demanda de comércio, serviços e lazer mais intensa e, sobretudo, diferenciada. (...). Isto intensificou a presença do turista, agora não apenas mais um morador da região, mas um estranho que se hospeda nas praias e estende seu consumo à cidade. (...) Este turista não participa dos eventos e da vida urbana do centro da cidade: é um espectador. Não conhece os detalhes, as raízes e os objetivos secretos dos pequenos e grandes rituais cotidianos da cidade. Embora não esteja a priori excluído da participação, ele não consegue entrar no jogo, pois está ali para consumir, somente para isto.

Percebemos que o processo de desenvolvimento da atividade turística na Ilha de Florianópolis permite afirmar que a inexistência de políticas públicas efetivas acarreta graves impactos, comprometendo a sustentabilidade da atividade e do próprio destino. Quando da análise do projeto de ocupação da Praia dos Ingleses, Moretto (1993, p. 149) afirma que "a não-observância de critérios de sustentabilidade espacial, ou seja, a remoção de dunas, aterro de mangues e das margens de rios, cortes em encostas de morros, entre outras agressões ao meio ambiente é hegemônico no processo de comercialização de terras e de ocupação verificado em Ingleses" (MORETTO, 1993).

O turismo na cidade de Florianópolis aconteceu efetivamente a partir da década de 70. Entre outros motivos, foi a implantação da rodovia BR 101 e do aeroporto regional que facilitaram o acesso ao restante do país. O turismo emergiu na cidade após esta via de acesso e com a criação da EMBRATUR/SC, trazendo consigo a opção do desenvolvimento econômico com a entrada de grande volume de capital. O fluxo de argentinos teve seu início nessa mesma década, o que significou uma movimentação de grande expressividade com a liberação econômica argentina nesse período. OURIQUES (1998)

Mas foi somente nos anos 80 que o turismo firmou-se como uma importante atividade econômica da cidade, que incessantemente recebeu um número multiplicador de turistas, seus habitantes usuais. Ferreira demonstra com detalhe as etapas de evolução caracterizadas pelo padrão urbano-turístico na Ilha.

A primeira etapa ocorre durante os anos 70, quando predomina o turismo tradicional (veraneio), caracterizado por uma lenta ocupação do litoral (com ênfase para as regiões Norte da Ilha e Lagoa da Conceição). A procura da Segunda residência dá início ao processo de parcelamento rústico do solo nas praias da Ilha, sem o devido apoio de infra-estrutura. (...) **A Segunda etapa** abrange os anos 80 e se expressa com maior intensidade através da ocupação da Costa Norte da Ilha. Florianópolis supera o sentido restrito de espaço de veraneio, constata-se uma tendência na evolução do número de turistas e de pernoites. Evidenciam-se deficiências na oferta de infra-estrutura, tanto para o atendimento das necessidades do fluxo turístico, quanto das necessidades básicas da população residente. Se, por um lado, durante este período consolida-se a tão propalada ‘vocalização turística’ da Ilha, por outro lado, tornam-se mais visíveis os conflitos decorrentes da queda do estilo de vida tradicional das comunidades litorâneas. Esta etapa reflete a transformação dessas comunidades em zonas balneárias. (...) **A terceira etapa** do desenvolvimento turístico, iniciada a partir dos anos 90, caracteriza-se pela emergência de novos atores econômicos. Estes buscam atrair uma demanda de ‘turistas internacionais’, a partir da qualificação da oferta. Isto significa a construção de grandes empreendimentos turísticos, que vêm redefinir as expectativas de exploração da paisagem, e externaliza o desejo destes empreendedores em evitar a tendência à massificação do turismo com o conseqüente esgotamento da infra-estrutura já instalada, atraindo um perfil de turista dotado de maior poder aquisitivo (FERREIRA, pg, 89, 1992). [Grifo nosso].

O crescimento desta área em ascensão da atividade turística na cidade de Florianópolis tem uma história e acontecimentos recentes evidenciados principalmente nos meses de verão. Alguns agravantes estão se dando rotineiramente na cidade, o fator da sazonalidade do turismo resulta a concentração do maior fluxo de visitantes nos meses de janeiro, fevereiro e março, acelerando intensivamente a utilização dos espaços naturais ou construídos pelo turismo e acarretando a sua degradação.

Seguramente o Estado teve e tem um importante papel no desenrolar de todos os acontecimentos do turismo, como assim destaca LAGO (apud, OURIQUES, 1998, p.62):

A modernização das rodovias interiores da lha de Santa Catarina, a exemplo de uma ação estadual, representou no início da década um impulso poderoso para incrementar realizações privadas. Além disso, melhorias no sistema de abastecimento d’água, de energia elétrica e outras de natureza urbanística foram e têm sido introduzidas em diversos ambientes onde a presença de grande massa de turistas começa a caracterizar, sobretudo, o período de veraneio.

O turismo impulsionou a entrada repentina de inúmeros visitantes à Ilha, divulgada como “cidade paradisíaca”, atraindo um grande número de devoradores da natureza. Simultaneamente aos acontecimentos de modernização, a cidade ganhou duas novas pontes, uma nova avenida, que se torna a principal da cidade – Avenida Beira Mar Norte, a instalação da Universidade Federal de Santa Catarina e uma empresa estatal – ELETROSUL. Com estes novos acontecimentos, vieram moradores de outros Estados, visitantes também atraídos pela mídia, que nunca poupou esforços para atrair mais e mais turistas. A cidade se perdeu e busca incessantemente novos paradigmas de vida, vive num momento de procura por outros referenciais.

Lago (1996) também destaca a rápida mudança das características da cidade, principalmente depois da instalação das grandes empresas estatais e da Universidade Federal de Santa Catarina, que abriram o caminho para a modernização da cidade:

A modernização acelerada de Florianópolis, nos seus limites municipais ou como centro de área de concentração, é fato indiscutível, com fortes evidências de atributos de embrionária metrópole, não exatamente pelas dimensões de sua demografia, mas pela combinação de funções permitidas e derivadas de condição de capital administrativa do Estado (LAGO, 1996, p. 83)

Este crescimento acelerado, que pode ser observado em todos os pontos da cidade, especialmente na área central, onde começam a ser implantados aterros para aplicação da extensa malha viária do município. Nos dias atuais, esta questão se estende aceleradamente aos balneários da cidade.

Nestas décadas de crescimento, de acentuado desenvolvimento populacional urbano, incrementam-se também a busca e a ocupação das praias pela população local, e principalmente por turistas estaduais, interestaduais e estrangeiros, dando início ao crescimento da atividade turística da Ilha. Ouriques (1998) observa o seguinte:

A partir dos anos 80, o fenômeno turístico na cidade de Florianópolis passou a adquirir relevância e consolidou-se como atividade econômica, gerando no contorno da Ilha de Santa Catarina uma série de modificações estruturais voltadas para acomodação de tal atividade (p. 11)

Este crescimento relacionado ao turismo baseia-se, principalmente, no potencial de suas belezas naturais, até então despercebidas pelos órgãos públicos e iniciativa privada. Lago (1996) salienta que:

Florianópolis, servida pela excepcionalidade de ambiências naturais da franja litorânea, com recortamentos que diversificam suas paisagens, além de outros requisitos de balneabilidade, abraçou a

economia de tempo livre, não como alternativa que se agrega às suas limitadas empresas industriais, mas como caminho até mesmo redentor (p. 23).

Sendo assim, o crescimento urbano passou a conquistar novas áreas, principalmente com a construção de novos acessos viários e a expansão de outras opções de infra-estrutura. Lago (1996) observou que a população aprovava esta expansão:

A SC 401, rompendo as curvas e ultrapassando banhados, era festejada a cada metro que caminhava, pois aliviava a angústia para se chegar mais depressa ao convívio com as tépidas águas das praias de areia fina e branca. As brocas e os canos da CASAN, colocando nas torneiras das residências a água de aquíferos mais profundos, menos salobros, era motivo de comemoração (p. 265).

Com isto, solidificou-se o crescimento do turismo da Ilha de Santa Catarina, rumando cada vez mais ao desenvolvimento da cidade econômica, ambiental e socialmente, pois, na medida em que o uso restrito de ambientes de veraneio se convertia em uso crescentemente massivo, importantes transformações passaram a ocorrer, num amplo sentido, no processo de crescimento de Florianópolis (Lago, 1996, p. 271).

Iniciou-se assim a exploração turística da Ilha de Santa Catarina, principalmente dos balneários localizados no Norte, como Canasvieiras e Ingleses, nosso objeto de estudo, interferindo de modo irreversível no desenvolvimento urbano de Florianópolis. Entretanto, este crescimento não foi acompanhado por um processo de planejamento de uso e ocupação de solo, ocasionando um crescimento desordenado, principalmente nos balneários no Norte da Ilha.

O crescimento urbano no Norte da Ilha se deu principalmente com a construção de segundas residências, que, de acordo com Lage & Milone (2000), “são alojamentos turísticos particulares, utilizados temporariamente, nos momentos de lazer, por pessoas que têm seu domicílio permanente em outro lugar” (ibidem p.198), o que apenas consolidou o crescimento de Florianópolis ancorado nas atividades ligadas ao turismo.

A economia de subsistência da Ilha de Santa Catarina sempre foi baseada na atividade pesqueira, manufatura e de pequena produção agrícola. A intenção dos açorianos era de uma produção meramente para sobrevivência; apenas colocavam à venda parte de sua produção, não produzindo em maior escala. Enquanto em determinadas localidades predominava a agricultura, como no bairro do Córrego Grande

e Ribeirão da Ilha, em outras sobressaía a produção pesqueira, como Canasvieiras, Ingleses e Pontas das Canas.

A partir dos anos 70, a atividade turística, juntamente com a administrativa, passa a assumir um papel de fundamental importância para o desenvolvimento da capital, pois, como corrobora Lago (1996), é a partir desta década que o turismo ganha relevante impulso:

Nos anos setenta, a proposta do turismo ganhou credibilidade, sensibilizando ainda mais a esfera política na condução de investimentos públicos em campos infra-estruturais, atraindo setores empresariais, internos e externos, representativos do grande capital, e também cativando os pequenos investidores (ibidem p. 265).

Apesar deste impulso, a implantação de atividades turísticas da capital aconteceu de maneira incipiente, sendo que para os políticos da época, segundo Ouriques (1998), “Surge o turismo como ‘salvação de Florianópolis’, máxima evidenciada nas opiniões de alguns representantes políticos locais distintos” (ibidem p. 11), opinião esta que por si só apontava para o crescimento da atividade turística, sem que houvesse planejamento e tampouco uma preocupação com uma infra-estrutura básica para seu desenvolvimento.

Acarretando também o aproveitamento da mão-de-obra local, não deve ser o único motivador para se implementar atividades relacionadas ao turismo, pois pode acarretar graves conseqüências ambientais e comunitárias. Rodrigues (1997) destaca que:

Em vez de oferecer subsídios para o desenvolvimento qualitativo e durável das localidades onde foram implantados, os projetos de turismo provocaram o aparecimento de problemas sociais e ambientais de toda ordem, como, por exemplo, a ocupação desenfreada das áreas próximas ao litoral brasileiro, superconcentração de pessoas e de infra-estrutura turística em algumas localidades, desestruturação dos modos de vida de comunidades tradicionais, praticamente nenhuma contribuição para a melhoria da distribuição de renda entre os habitantes locais, e muita degradação ambiental (p. 91)

Tais problemas na cidade de Florianópolis podem ser observados com mais freqüência em áreas que possuem maior concentração de turistas, sendo elas Praia de Canasvieiras e Praia dos Ingleses, demandando assim uma atenção especial do poder público para a minimização desses impactos.

Com o crescimento econômico ligado ao turismo, Lago (1996) observa que, “num sentido mais amplo, ainda mais profundo e complexo, o turismo de massa passa a

exercer um papel não apenas adicional, mas também de comando em relação ao crescimento urbano de Florianópolis” (p. 267).

Todavia, a adoção de indicadores de qualidade de vida e de sustentabilidade em Florianópolis devem respeitar as especificidades da cidade. CECCA (2001) adota o seguinte posicionamento sobre o tema:

Avaliar a qualidade de vida na região de Florianópolis através de um conjunto de indicadores sócio-ambientais adequados à sua especificidade é dar um passo para a construção da sustentabilidade da sociedade local, contribuindo para forjar uma consciência cidadã que compreenderá melhor a própria cidade e os rumos do seu desenvolvimento, bem como a forma pela qual a sustentação da vida desta sociedade está imbricada com seu entorno, (parece meio sem sentido) que é o fundamental momento de tratar de uma região urbana situada numa ilha (p. 32)

Conservar a atratividade da capital é desafio. Assim sendo, as análises espaciais podem vir a contribuir decisivamente com este processo, pois elas permitem que a evolução do turismo seja monitorada, criando condições para que as intervenções por parte de órgãos públicos sejam tomadas em fatos, e não empiricamente.

No decorrer desses anos, com a presença expressiva de turistas, estruturação e o crescente fortalecimento do mercado turístico na cidade, tendo-se como base a emergência dos empresários do turismo como fator coletivo econômico e político em fins da década de 70 e início dos anos 80, Florianópolis tornou-se o palco de grandes transformações sócias e econômicas na medida em que, necessariamente, o local se caracterizou pelo novo contexto.

Ainda que sejam inúmeros os exemplos que limitam a prática do turismo sem um planejamento adequado, sabe-se que a atividade não é a única culpada por esses efeitos, pois a mesma é apenas um dos elementos de um processo mais amplo em andamento. Porém, também não resta dúvida de que o turismo acelera este processo, gerando um choque cultural entre comunidades tradicionais e sociedades consumistas. O turismo representa um elemento estranho aos costumes dos moradores da localidade, podendo ser responsável pela descaracterização de atividades tradicionais.

Lins (1994) destaca dentre as condições características do trabalho vinculado à atividade turística na Ilha de Florianópolis (observáveis em inúmeros outros destinos turísticos): o caráter temporário da ocupação da mão-de-obra, a grande rotatividade nos empregos, o reduzido nível salarial e a carência de regulamentos trabalhistas.

Tais condições têm como consequência uma "polarização social no usufruto do turismo", pois os benefícios do mesmo não atingem a todos da comunidade. Sem a

alternativa de acesso a terra e vivendo numa situação de subemprego sazonal, característica de monocultura, a população nativa vai inchando a periferia miserável da capital, somando-se ao fluxo migratório advindo de outras regiões. Este se caracteriza como sendo o "processo de pauperização do campesinato" CECCA (1996).

A transformação das comunidades de Florianópolis, primeiro em balneários turísticos, e mais recentemente em bairros da cidade, tem um caráter predatório, sendo que esta supervalorização da atividade turística é a diretriz da economia local de maior impacto sócio-ambiental. "Ao que tudo indica, se o projeto turístico vingar, a maioria dos nativos da região só poderá participar dele como mão-de-obra que move a máquina para que esta dê lucros a uma pequena minoria" (CECCA, 1996).

Como advento do turismo, e apesar de Florianópolis ter um grande potencial "natural" e "tradicional", tornam-se ligeiramente questionáveis os hábitos de vida dos ilhéus, além da degradação e grande transformação nítidas aos bons olhos por toda a cidade. A cidade viveu uma situação caótica em detrimento deste *boom* do turismo. A falta de infra-estrutura para oferta de uma quantidade além do limite de capacitação na cidade, bem como o modelo de "planejamento" turístico, revelaram um grande dilema de sustentabilidade. Era imprescindível um planejamento adequado para esta Ilha escolher o tipo de turismo, quais os turistas em potencial; analisar a capacidade de carga e discutir seus reflexos dentro da cidade (FANTIN, 2000).

Em consequência disso, o declínio da atividade pesqueira foi, entre muitas transformações tradicionais, sócio, econômica e culturais, em função do acontecimento da atividade turística sem adequado planejamento, fazendo com que pescadores de "pesca artesanal" procurassem outras atividades, exigindo que ela se tornasse uma prática secundária de economia do lar.

OURIQUES (1998), além de tentar desmistificar a atividade turística no que diz respeito à questão da sustentabilidade, também executou pesquisa junto aos trabalhadores do turismo, provando que há uma disparidade entre a espera do desenvolvimento turístico e o que realmente ele traz a seus trabalhadores.

Um dos maiores problemas enfrentados pelos trabalhadores é a questão da informalidade na atividade, na qual não há a mínima garantia, tampouco benefícios assegurados aos trabalhadores registrados. Além disso, a arrecadação de impostos é mínima em relação à demanda e, em virtude da sazonalidade, ocorre a impossibilidade de gestão de uma equipe de trabalho, pois as mesmas se desvinculam no final de cada temporada. Não existe qualificação profissional, e muitas vezes as qualidades dos serviços não são adequadas.

O que muitas vezes não é percebido pelos trabalhadores é que o valor recebido parece ser maior, mas a inexistência dos benefícios de que têm direito torna o salário muito menor. Ademais, geralmente os trabalhos na área de turismo em alta temporada são de níveis secundários.

Apesar de o turismo trazer oportunidades de imediato para a inserção dos trabalhadores sazonais ao *trade* turístico, como vimos, as condições de empregos são geralmente instáveis e temporárias. Tais empregos são espécies de mitos que foram criados na cidade a respeito daqueles gerados pelo turismo, uma vez que Florianópolis não é uma cidade sem outras fortes possibilidades além dele. Citamos como exemplo as faculdades e os cursos de níveis técnicos que vêm contribuir com a qualificação do profissional da área de turismo, basta saber desenvolver e aproveitar este novo mercado.

Conforme visto, a sazonalidade é um dos aspectos responsáveis por esta instabilidade; a dependência do turismo é significativa, acarretando ainda à população residente na cidade uma elevação anormal dos preços dos serviços e produtos durante a alta temporada, concentrada nos dias atuais mais nas áreas balneárias da cidade. Além desta questão, a população residente é atingida por problemas viários, os quais são agravados no período de dezembro a março, muitas vezes inviabilizando as atividades de outros setores da população, que são atingidos pela falta de abastecimento de água, energia elétrica e saneamento básico.

3.2 Turismo na Praia dos Ingleses

3.2.1 Contextualização Histórica e Geográfica da Praia dos Ingleses

Com uma extensão de 4.830m e largura variando entre 06 e 50m, a Praia dos Ingleses é uma praia oceânica voltada para o norte, caracterizada por ondas fortes e longas, areia fina e branca. Graças à diversidade natural, sobretudo à temperatura da água, o distrito tornou-se um grande centro turístico do Sul do Brasil. Na parte leste, possui um conjunto de dunas, ligando-a à Praia das Aranhas e à Ponta dos Ingleses, no morro de mesmo nome. Limita-se ao leste com a Ponta dos Ingleses, e a oeste, com a Ponta da Feiticeira.

A literatura existente e as narrativas dos moradores mais antigos contam que a Praia dos Ingleses é assim chamada porque por volta do início do século XVIII um navio inglês encalhou em frente à ilha denominada Mata-Fome, e alguns homens resolveram

permanecer por ali, onde constituíram família e trabalhavam na pesca e agricultura de subsistência (MORETTO NETO, 1993).

A localidade de Ingleses do Rio Vermelho, como foi denominada inicialmente, pertencia à Freguesia de São João Batista do Rio Vermelho e comenta-se que era mais povoada que Aranhas, atual Praia do Santinho, pois possuía um núcleo maior de habitantes agrupados em torno da Capela do Sagrado Coração de Jesus, edificação construída por um abastado morador local em 1880.

De acordo com Moretto Neto (1993), por ser uma localidade mais distante do centro da Povoação da Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, pouco se mantinha contato entre a população local e a sede, o que resultou em poucos registros sobre a história local. No entanto, sabe-se que em Ingleses existiam diversos engenhos de farinha e três engenhos de açúcar, cultivo de frutas e legumes e criação de galinha e gado.

A pesca, apesar de abundante, passou a ser principal atividade econômica a partir da década de 30 do século XX. Na década seguinte, a comunidade chegou a capturar cerca de 1.200.000 tainhas durante a safra. Nessa época, as redes existentes eram de propriedade de dois "coronéis" locais, que mantinham o controle econômico e político da localidade. Eram eles Gentil Mathias da Silva e José Fernandes da Silva.

Na década de 60, Ingleses do Rio Vermelho foi desmembrado do distrito São João do Rio Vermelho e passou então a distrito de Ingleses do Rio Vermelho, que abrange a Praia dos Ingleses e do Santinho, com 23,3 Km².

Assim como acontece atualmente, comemorava-se a festa de Nossa Senhora dos Navegantes (padroeira local) e a Festa do Divino Espírito Santo, que atraíaromeiros das localidades ao redor. Esta festa ocorre sempre na época da pesca da tainha, não somente nos Ingleses, mas em várias comunidades da Ilha.

Ingleses passou um longo período praticamente sem nenhuma expansão. A partir de 1967, ao ser instalado o sistema de energia elétrica, e em 1973, quando se construiu a rodovia SC-401 e SC-403, iniciou-se o processo de transformação.

Na década de 80, com a descoberta do local pelos turistas, começou a crescer o setor turístico, comercial e imobiliário. Devido a isso, a atividade pesqueira já não tinha tanta importância e começou-se a notar uma perda das tradições açorianas e da cultura local, que estão sendo resgatadas aos poucos pela igreja católica e alguns grupos locais.

3.2.2 Transformação Sócio-Espacial da Praia dos Ingleses

O início do crescimento turístico e populacional da Praia dos Ingleses ocorreu na década de 80. Lentamente o pacato e paradisíaco distrito do “interior” da Ilha de Santa Catarina passou a atrair os olhares de muitos empresários e milhares de novos moradores. O responsável pelo interesse de todos seria o promissor potencial natural da região, aliado ao ainda baixo custo imobiliário.

Figura 5: Localização da Praia dos Ingleses.



Fonte: IPUF 2000

A transformação de vila pesqueira para o maior balneário de Florianópolis custou um preço alto à antiga praia de pescadores e pequenos lavradores. Muitos nativos foram excluídos de suas propriedades, as quais beiravam as águas do balneário, para quilômetros de distância, no então chamado apenas de Sítio e que hoje é o tradicional e também já populoso bairro Capivari. Perto da praia ficaram apenas os que tinham mais posses ou aqueles que se tornaram empreendedores nas diversas áreas oferecidas pelo turismo.

Em poucos anos, dezenas de prédios ergueram-se frente à praia, onde as mais altas edificações eram os ranchos de canoas pesqueiras. Como decorrência dessa transformação, muitos empregos surgiram na construção civil, posteriormente nos condomínios, hotéis e pousadas.

Milton Santos (1997, p. 49), autor de diversas obras abordando o espaço como objeto de estudo, entende que “um conceito básico é que o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. O

espaço impõe sua própria realidade; por isso a sociedade não pode operar fora dele”. O desenvolver da sociedade reflete-se diretamente no espaço onde vive. O autor ainda afirma que a essência do espaço é social. Ele não é apenas formado de configurações geográficas, mas sim, da soma destas com a sociedade (SANTOS, 1997).

O espaço não se restringe apenas ao patrimônio natural, mas também inclui o patrimônio cultural, as construções e relações da sociedade com o local em que estão inseridos. Como Lefebvre (*apud* CARLOS, 2001, p.63) já apontava, “as relações sociais têm uma existência real como existência espacial concreta, na medida em que produzem efetivamente um espaço e passam a ter dele uma determinada consciência”.

No estudo do espaço e das transformações ocorridas no mesmo, não basta apenas analisar o ambiente de forma isolada. Faz-se necessária uma análise do todo, ou seja, do ambiente e de todos os agentes que estão ligados a ele, principalmente a sociedade na qual está inserido. Na obra Espaço e Método, Milton Santos (1997, p. 6) afirma que “os elementos do espaço seriam os seguintes: os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infra-estruturas”. Se algum dos elementos do espaço não for considerado, o estudo estará incompleto, pois ele se compõe da soma dos mesmos.

Entende-se como homem todos os responsáveis pelo funcionamento dos demais elementos por meio do fornecimento de trabalho direta ou indiretamente, ou seja, a demanda. As firmas são responsáveis pela produção de bens, serviços e idéias. Considerando o enfoque do estudo direcionado ao turismo, as firmas correspondem aos serviços turísticos, como hospedagem, alimentação, transportes, agências de viagem, entre outros. As instituições respondem pela produção de normas, ordens e legitimações, ou seja, a supra-estrutura representada pelo Estado e pelas forças da economia. Podemos considerar como instituições que regulamentam o turismo global a OMT (Organização Mundial do Turismo), a OMC (Organização Mundial do Comércio) e IATA (International Air Transportation Association). Em âmbito nacional, podemos destacar o Mtur (Ministério do Turismo), a EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo), o MMA (Ministério do Meio Ambiente) e o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis).

O meio ecológico “compreende o conjunto de complexos territoriais que constituem a base física do trabalho humano” (SANTOS, 1997 p.6), ou seja, abrange não só as áreas naturais, mas também as edificações construídas pelas sociedades. No estudo do espaço do turismo, considerando a realidade do Brasil, o meio ecológico é de fundamental importância, uma vez que o país possui expressivo patrimônio natural que começou a ser utilizado para o desenvolvimento da atividade turística através do

chamado turismo sustentável. Por fim, a infra-estrutura refere-se ao trabalho humano, ou seja, todos os “serviços complementares de fundamental importância para o bom desenvolvimento do espaço” (OLIVEIRA, 2002, p. 15).

Para que haja compreensão do espaço social, independente da temporalidade, faz-se essencial um estudo das categorias forma, função, estrutura e do processo, essenciais como método de análise, como um conceito único. “Não se pode analisar o espaço através de um só desses conceitos, ou mesmo de uma combinação de dois deles” (SANTOS, 1997, P.56). A interpretação da realidade do espaço torna-se possível através da análise que compreenda os quatro elementos, não apenas por questões funcionais, mas também estruturais.

A forma, segundo Rodrigues (1999, p. 71), pode ser expressa pela paisagem ou, conforme Corrêa (2002, p.76), como o aspecto visível de um objeto referindo-se à combinação do mesmo, que passa a constituir um arquétipo espacial. A função refere-se a uma ação, à atividade que cada elemento executa em um determinado momento do processo espacial. Sob a ótica do estudo do turismo, significa o papel dos elementos da oferta e da demanda. “Estrutura é a natureza social e econômica de uma sociedade em um dado momento do tempo, é invisível, não constituindo uma exterioridade imediata” (OLIVEIRA, 2002, p. 17), expressa a rede de relações presentes na sociedade. Por último, o processo diz respeito às interações entre os elementos, contemplando as demais categorias em um movimento diacrônico. “Só o uso simultâneo das quatro categorias – estrutura, processo, função e forma – nos permitirá apreender a totalidade de seu movimento, pois nenhuma dessas categorias existe separadamente” (SANTOS, 1997, P. 58).

A análise sócio-espacial aqui apresentada está fundamentada no método geográfico apresentado por Milton Santos. Segundo o mesmo autor, os estudos fundamentados na formação sócio-espacial devem começar pela gênese desta formação, seguindo pelo processo de construção histórica, responsável pela configuração atual do espaço.

No início de sua ocupação, a Praia dos Ingleses era formada por uma pequena comunidade que praticava a pesca artesanal como atividade econômica e se organizava de forma coletiva como sociedade.

Com a construção das estradas estaduais, que vieram a facilitar o acesso à Praia dos Ingleses, um novo processo começou a se desenvolver, que seria responsável por trazer uma nova forma, função e estrutura para a localidade.

Muitas áreas naturais também foram se transformando em áreas urbanas, e o pequeno comércio local, composto basicamente pela venda de produtos de primeira necessidade, passa a ser um centro comercial diversificado e extremamente competitivo.

Devido às transformações ocorridas na forma e estrutura da Praia dos Ingleses, ocasionadas pelo novo processo instaurado com a entrada do turismo como atividade econômica, o espaço também alterou a sua função, originalmente como local de moradia para um local de veraneio e lazer.

De acordo com Boullön (2002, p. 79), “o espaço turístico é consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos que, não devemos esquecer, são a matéria-prima do turismo”.

Até períodos recentes, o foco da preocupação dos gestores de turismo era eminentemente no turista. Isso não se desfez, mas atualmente as preocupações têm se deslocado para as pessoas, para o ambiente como um todo e para a sociedade, uma vez que, em função do turismo, está existindo um grande número de impactos socioculturais decorrentes do desordenado afluxo turístico e da fragilidade dos locais visitados.

No sistema em que vivemos, para a população autóctone, a proliferação do turismo difere para cada grupo social, dependendo do grau de aproximação e ganho econômico que se tem com ele. O turista é visto de uma forma distinta e, conseqüentemente, o impacto causado é interpretado de duas maneiras: o negativo e o positivo. Um dos autores pioneiros dessa discussão aborda quatro categorias de percepção do turista como se fossem quatro diferentes tipos de óculos para enxergar o turismo. KRIPPENDORF (2001) menciona que a primeira categoria compreende os profissionais que estão em permanente contato com os turistas, os colaboradores da indústria hoteleira, do comércio em geral, dos meios de transporte, guias de turismo. Estes dependem diretamente do turismo e acrescentam dizendo que ele é bem-vindo porque oferece trabalho e retorno financeiro. O segundo grupo de autóctones é formado pelos proprietários das empresas turísticas, que não mantêm contato direto com o turista. Para este grupo ele representa, nesta situação, um negócio meramente comercial. A terceira categoria é a dos habitantes propriamente ditos, que tiraram seus lucros vendendo artesanato local, alugando casas, trabalhando em uma atividade agrícola para produzir os produtos a serem consumidos. A quarta categoria é formada pelo grande número de autóctones, que nunca, ou quase nunca, se encontram com o turista, que é o poder público. Ele manifesta-se somente pelos planos de turismo, que teoricamente devem dar o apoio e subsídio para que a atividade aconteça de fato.

Portanto, há que se ter um severo rigor ao discutir o comportamento da população local e dos turistas. Especificamente na Praia dos Ingleses, persistem até os dias atuais inúmeros impactos de ordem positiva e negativa com o surgimento do turismo na comunidade.

3.2.3 Gênese do Turismo e da Urbanização na Praia dos Ingleses

Conforme contextualiza FERREIRA (1998), as estradas estaduais impulsionaram um populoso crescimento no movimento das praias do norte e interior da Ilha de Santa Catarina. Antes destas construções, o caminho era feito por trilhas para passagens das carroças e carros de bois. Foi no governo Celso Ramos (1961-1966) que se deu início à abertura da SC 401, ligando a cidade ao pacato Sítio dos Ingleses. Mas foi somente no governo Colombo Salles (1971-1975) que estas estradas receberam asfalto. Além da SC 401, foi construída a SC 402 que, a partir do quilômetro 13 da SC 401 leva à Jurerê, a SC 403, que faz a ligação entre Canasvieiras e Ingleses e a SC 404, que liga Itacorubi à Lagoa da Conceição.

Antes da década de 70, os veranistas freqüentavam somente as praias de Sambaqui, Santo Antônio de Lisboa, ao Norte da Ilha, e Ribeirão da Ilha, ao Sul. Contudo, em função da abertura e asfaltamento das estradas e da poluição das baías localizadas no centro da cidade, as praias do Norte e do Sul da Ilha despertaram interesse nos veranistas, fazendo com que estes fossem os pioneiros ocupantes dos Balneários. Nos anos 80, as praias de Canasvieiras e Ingleses deram início à especulação imobiliária, sendo descobertas pelos turistas e até tornando-se bairros de residência da capital.

Com o desenvolvimento tecnológico da era moderna, que impulsionou a melhoria e o desenvolvimento das vias de acesso, dos meios de transportes e de comunicação, em Florianópolis houve uma tendência de descentralização, e inúmeras zonas periféricas passaram a ser ocupadas pela classe média e média alta para sua moradia, é o caso das Praias dos Ingleses, Canasvieiras, Jurerê e Balneário da Daniela (LAGO, 1996).

Conforme citado anteriormente no caso da Praia dos Ingleses, surgiram inúmeros problemas agravados em função da concentração populacional durante a temporada. O turismo no bairro é fruto também de iniciativas individuais, cujos proprietários de imóveis, antigos pescadores, vendiam seus terrenos à beira do mar por, muitas vezes, valores insignificantes, sem que houvesse um adequado planejamento em

nível municipal. Como consequência, tais atitudes resultaram espaços desordenados, com elevada densidade populacional e quase sempre com problemas de infra-estrutura básica insuficiente para a ocupação da população ali residente. Como relaciona Lins (1993, p.103) *apud* Rocha (2001, p.93), observa que:

Em regra, a condição de núcleo turístico (...) é acompanhada de uma modificação na propriedade dos imóveis locais. Resulta disso que a própria paisagem sofre alterações: às casas da população local, na maioria rústicas e de certa forma típicas, vêm juntar-se às residências de veraneio e a outros imóveis cujo uso varia do domiciliar aos referentes à hospedagem, alimentação, ao lazer e a outros de natureza comercial, quase sempre em contraste, na aparência, com as edificações tradicionais (...). Por outro lado, (...) a venda de terrenos por parte dos pescadores pode significar, ou aprofundar, o rompimento com atividades tradicionais.

A inserção do turismo sem planejamento pode acarretar a desestruturação de costumes socioculturais tradicionais, induzindo a perda da identidade local. Verifica-se também que parte desta população local deixou de imediato seus afazeres tradicionais e passou a trabalhar no setor turístico, por meio de empreendimentos de hospedagem e alimentação. Alguns proprietários ainda conciliam a administração de seus comércios com o que ainda resta da atividade da pesca artesanal, que enfrenta problemas em função da industrialização. Os filhos de pescadores já não dão continuidade às atividades dos pais, que deixam cada vez mais de morar próximo ao mar, pelo fato de venderem seus terrenos ou fazerem daqueles à beira seus próprios comércios. Dessa forma, a atividade da pesca artesanal torna-se cada vez mais impraticável, conforme expõe ROCHA (2001).

No que diz respeito a esta nítida perda da identidade, que é a pesca artesanal resta aos moradores tentar inserir-se aos modos de produção capitalista atuais, deixando muitas vezes de lado seus modos artesanais socioculturais de convivência para fazer parte de um mundo internacionalizado.

3.2.4 Infra-Estrutura e Equipamentos Turísticos

Considerando alguns pontos positivos do turismo na Praia dos Ingleses, o aumento do comércio local foi um deles. Em cerca de 15 anos, o turismo na localidade tomou significativo valor em relação à infra-estrutura turística, levando em conta que o acesso viário há sete anos sofreu consideráveis modificações na comunidade,

permitindo uma melhor evasão do fluxo de carros. Dada à expressiva oferta de opções de comércio, os moradores da Praia dos Ingleses não têm a necessidade de se deslocar até o centro para utilizar os serviços, o que demonstra o elevado grau de transformação da localidade, uma antiga vila de pescadores.

No que diz respeito à infra-estrutura de serviços localizada na parte central da praia, comumente conhecida como Centrinho dos Ingleses, observa-se um espaço com variada rede de serviços: posto de saúde, posto policial, laboratório médico, clínica médica, farmácias, posto de combustível, bancos, inúmeros bares e restaurantes, serviços de meios de hospedagem, imobiliárias, agências de turismo, locadoras de veículos, supermercados, *shopping* de confecções, parque aquático dentre outros.

O desenvolvimento do turismo na Praia dos Ingleses foi o responsável pelo aprimoramento de sua infra-estrutura de serviços, especificamente aqueles voltados ao turista, daí esta infinidade de serviços. É importante destacar que muitos destes serviços, que na alta temporada funcionam normalmente (inclusive 24 horas), fecham durante os meses da baixa estação, causando problemas relacionados aos empregos temporários. Vários dos comerciantes, proprietários de empreendimentos na Praia dos Ingleses, possuem outras lojas no Centro de Florianópolis, alternando o funcionamento das mesmas.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Da introdução

Para concretizar a pesquisa e responder às suas questões centrais de investigação, que versaram sobre os impactos sócio-culturais do turismo na Praia dos Ingleses, optou-se por um trabalho empírico que constou de procedimentos como visitas, encontros, questionário sócio-econômico e entrevistas, que objetivaram identificar fatos e ações importantes que demarcaram o desenvolvimento do turismo na cidade de Florianópolis, mais especificamente na Praia dos Ingleses, no período de 1975 a 2005; e caracterizar as percepção da comunidade em estudo no que tange o turismo.

Sob a luz dessa finalidade é que optamos por entrevistar 11 moradores nativos da localidade dos Ingleses, os quais deveriam ter idade entre 50 e 70 anos, por entender que, dado a suas condições e vivência, tiveram a possibilidade de acompanhar o desenvolvimento do turismo e as transformações territoriais que ocorreram entre as décadas de 1975 e 2005 na comunidade em estudo. Foram procurados, por via da Associação Comunitária, moradores nativos que pudessem dar informações e depoimentos que revelassem a situação do turismo nos Ingleses.

Foram entrevistados 6 homens e 5 mulheres que residem na sua maioria no Centrinho da Comunidade e localidades vizinhas. Estes são ou foram pescadores, comerciantes, corretores de imóveis, aposentados, funcionários públicos, dona de casa, entre outros. Possuem um número de filhos que varia entre 2 e 9, e vivem com suas respectivas esposas e maridos, sendo que dois deles ainda têm filhos que moram na residência dos pais. Dos 11 entrevistados, 9 são católicos e 2 evangélicos.

Com base nestes dados iniciais coletados nos encontros, visitas e questionários, foi organizada uma série de questões que revelaram o interesse da pesquisa e o delinear das possíveis categorias de análise, que traduzimos: **Quais as transformações socioculturais inerentes ao turismo na comunidade de Ingleses percebidas por estes entrevistados? E qual a responsabilidade dos órgãos públicos em relação a estas transformações? Que impactos elas trouxeram à comunidade?**

Das transformações e mudanças no/do turismo em Ingleses

Em função dessa realidade, destacamos a premissa, a qualidade do turismo como paradigma básico para pensar, fazer e consolidar o turismo, que cabe aos profissionais

do *trade* turístico, ao governo, aos moradores, enfim, a todos, a responsabilidade constante do cuidado, da preservação e avaliação da importância que se devem ter para minimizar os riscos e a segurança das pessoas que usufruem desse empreendimento econômico e social.

Quando se perguntou o que os moradores pensam sobre o turismo na cidade de Florianópolis e na Praia dos Ingleses, eles manifestaram, por meio das suas falas, sentimentos e expressões; por um lado, certa satisfação por reconhecerem que vivem em uma praia que é considerada um dos principais pontos turísticos da cidade. Por outro lado, manifestaram a preocupação por entenderem que esse turismo é sazonal e não apresenta alternativas para além dos três meses de alta temporada; e ainda, vêm sofrendo rápidas mudanças em relação às questões de segurança e violência na comunidade. Seus depoimentos demonstraram ainda certa inquietação em relação à *invasão* pelas *pessoas de fora*, fala esta traduzida por um entrevistado: *as pessoas vêm a Florianópolis passar férias e aqui ficam residindo, e se apropriam das oportunidades de emprego, e, até mesmo, oportunidades empresariais dos Nativos da comunidade.* Chamam atenção ainda sobre a precariedade da infra-estrutura, bem como a escassez de área de lazer e opções de diversão noturna. Situação essa que desqualifica o lugar, podendo levar os próprios turistas a optar por outras praias e localidades da cidade. Apontam ainda que o turismo nos Ingleses está voltado somente para a praia, desconsiderando outras formas de lazer, as quais não são exploradas.

Sobre essas questões se manifestam os moradores entrevistados:

O turismo foi bom. Mudou muito os Ingleses. O turismo está bom, mas não tem uma diversão à noite, não tem o que precisa pra noite. Turista gosta de festa, de noite. Não é só praia; nos Ingleses está faltando. Falta cinema, faltam opções. Muitos turistas reclamam de falta de opções. Quando eles vêm aqui, eles vão pro Centro e acabam gastando fora e não deixam dinheiro aqui. Degradação, só trouxe bandidagem. Antes a gente não conhecia esta parte, agora já tem conhecimento, mas eu achava que deveria ter um avanço melhor, bem maior. Planejamento, com interesse pra comunidade, o movimento ainda é pouco, né? Entrevistados 5, 7, e 9

Em tempos de grandes mudanças mundiais, sociais e econômicas, o turismo, seguramente, não fica excluído dessas transformações; muito pelo contrário, ele é uma área que depende de uma transdisciplinaridade em consonância com outras que estejam envolvidas com lazer e empreendimentos. Sobre essa ótica, torna-se fundamental não só o posicionamento e investimento favoráveis das empresas privadas e dos órgãos públicos em municípios como receptores de turistas, mas um Planejamento Estratégico

do turístico que garanta o desenvolvimento, a conservação do patrimônio cultural e o bem-estar da comunidade local diante a competitividade do mercado. São marcantes algumas etapas do turismo em Florianópolis.

Na década de 70, conforme (CECCA, 1996), o profundo e rápido processo de urbanização da sociedade florianopolitana deveu-se também à construção das duas novas pontes, uma nova avenida, que se torna a principal da cidade – Avenida Beira Mar Norte -, a instalação da Universidade Federal de Santa Catarina, em 1961, e de uma empresa estatal, a ELETROSUL.

A consolidação do turismo ocorreu em meados dos anos 80, passando por um período de estabilização na década de 90, até os dias de hoje. Esses períodos se caracterizaram como o principal fator realizador da *aspiração pelo desenvolvimento* de Florianópolis. A pressão do empresariado do setor turístico sobre os recursos públicos, a ponto de transformar o turismo em alternativa preferencial de desenvolvimento econômico para o espaço local, provocou uma certa supervalorização do mesmo, apresentado como atividade capaz de retomar períodos prósperos da economia local, como solução para os males em função dos efeitos de redistribuição sobre o conjunto da população local. Apesar da sazonalidade, causa de muitos problemas de determinadas localidades, o turismo cada vez mais faz parte da realidade local. Ainda hoje se vive um ciclo econômico marcado pela monocultura do turismo, fator desestabilizador da economia local (CECCA, 1996).

Por outro lado, os entrevistados evidenciam que a Praia dos Ingleses *tornou-se uma cidade, que possui vida própria, mas que, principalmente no verão, não tem mais sossego*. Nesse bojo, idéias dizem ainda que cada vez mais aumenta o número de novos moradores ao final de cada temporada de verão e agudizam as deficiências de infraestrutura básica que não são resolvidas e, conseqüentemente, são evidenciadas na alta temporada. Segundo os entrevistados, a consolidação vem se tornando frágil, pois os turistas não procuram mais imobiliárias para alugarem suas casas, e os mesmo estão cada vez mais interessados em alugar diretamente com os proprietários, situação essa que enfraquece os negócios imobiliários e, conseqüentemente, a questão financeira dos trabalhadores desta área está cada vez mais difícil.

Ao perguntarmos sobre quando o turismo surgiu na praia dos Ingleses, os entrevistados se pronunciam dizendo que foi nas décadas de 80 e 90, e que ele acompanhou o desenvolvimento urbano da cidade.

Destaca-se uma acelerada busca e o interesse pela ocupação nas praias por parte da população local, haja vista a construção e o asfaltamento da BR 101 e das rodovias

estaduais, localizadas dentro da Ilha, como SC 401, em direção às praias do Norte; a SC 403, que liga Canasvieiras à Praia dos Ingleses; a SC 404, que leva à Lagoa da Conceição; a SC 406, que segue ao Rio Tavares, e, finalmente, a SC 405, que passa pelo Campeche, seguindo em direção à Armação e ao Pântano do Sul.

Segundo FERREIRA 1998, o impulso para a atividade turística na Ilha de Santa Catarina aconteceu por volta da década de 70, quando do *boom* do processo de *planejar o desenvolvimento*, época em que os planos de governo vislumbraram a possibilidade de explorar o potencial turístico de Santa Catarina, e de Florianópolis em particular. A partir de então, foram formuladas políticas públicas de desenvolvimento turístico, nas quais o Estado passou a ser o responsável pela implantação da infra-estrutura local necessária para a expansão da atividade. O Conselho de Desenvolvimento do Extremo Sul (CODESUL), em estudo precursor sobre o turismo realizado em janeiro de 1970, apontava para a prioridade de o Estado de Santa Catarina ser a "canalização de investimentos" para uma política turística, definindo que a "trilogia básica de estímulo ao empresário: água, estrada, telefone – compete aos poderes públicos" (CODESUL, 1970). A *vocação turística* beneficiou-se da condição de a cidade ser capital de Estado, pois ela demanda grandes investimentos públicos.

Conforme os entrevistados, esse processo de desenvolvimento do turismo nos Ingleses aconteceu aproximadamente em duas décadas, em diversos momentos, diversas situações, e dá lugar para uma marcante época, o turismo internacional, marcado pelo *grande boom* de argentinos; e outro momento, a presença de turistas brasileiros. A entrevistada, Sra. Chica, traduz esse período assim:

Vinte anos atrás. É que antes começou a vir primeiro foi os argentinos, né? Quando vinha bastante argentino, aí tinha tudo no turismo, né?, de bom. Agora, só com brasileiro, não tem turismo. Ou tem que vir, só com argentino também não tem. Não tem mais. Mas tem que ser com os argentinos e brasileiros pra encher, né? Porque tem muito apartamento e muita casa, pessoal mesmo daqui e de fora também compram uma pousada, compram um terreno baixo, constroem. Aí, para nós aqui mesmo, o turismo ficou ruim, porque nós moramos a 700m da praia, né? Então daqui que enche lá pra vir pra cá, demora. Aí, quando vaga um apart lá, já vem outra remessa que enche lá novamente. Então, pra nós aqui, ficou mais ruim (Dona Chica)

Como relatam os entrevistados, o turismo na praia dos Ingleses começou com as casas de finais de semana, propriedades de pessoas que moravam no centro da cidade e nos finais de semana iam para suas casas para desfrutar da praia. Com o passar dos anos, estes mesmos moradores começaram a alugar suas casas para os turistas na alta

temporada, dando início ao ciclo do turismo. Salientam também que os próprios moradores, na alta temporada, saem de suas casas, se alojando em suas casas secundárias, para alugarem as casas principais.

Perguntamos aos entrevistados o que turismo havia trazido de mudanças para a comunidade de Ingleses e quais os acontecimentos e situações mais relevantes para a população nativa. Fica evidente que o processo de globalização abriu portas, mas não provocou o real crescimento previsto no setor mundial turístico como o esperado nos últimos anos. Ao contrário, foi e está sendo um crescimento de forma gradual, constante e tímido, levando em conta o acarretamento de variáveis de aceleração desse processo. Obedece de uma forma instável a economia de mercado em alguns países e a liberação decorrente de fronteiras nacionais do mercado doméstico. Conforme BENI (2003, p.27), ao contextualizar a globalização no setor turístico:

Também há que se destacar que esse novo crescimento econômico e essa prosperidade mundial promoveram o aumento do turismo de negócios e o crescimento discreto, porém constante, do número de famílias que poupam para “ver o mundo”. Os avanços tecnológicos dos transportes e das comunicações também contribuíram bastante para possibilitar as viagens com tarifas mais reduzidas e, assim, mais acessíveis a um público maior. A globalização provocou uma mais ampla disponibilização e acessibilidade em amplitude mundial dos produtos, das instalações e dos serviços turísticos. O mercado de turismo mundial assistiu ao crescimento de novas destinações e ao investimento maciço de capital no desenvolvimento dos tradicionais países receptores BENI (2003, p.27).

Sob esse enfoque, a inserção da modernização, da globalização e internacionalização, minimamente, adquire a consciência de que as transformações humanas são mais comuns a estes adventos, em que todos os espaços são almejados com uma padronização cultural, regidos pelas mesmas divulgações. Mas, em contrapartida, algumas comunidades se preocupam com o processo de reconstrução e conservação do patrimônio, atentando para o processo de sustentabilidade cultural nas comunidades receptoras. Segundo Barretto:

A revitalização¹² de bairros inteiros para o consumo cultural e turístico, sobretudo em áreas centrais ou portuárias de cidades, também tem sido uma forma de permitir a conservação das construções históricas neles existentes. A reutilização de velhos prédios e mesmo armazéns com finalidade cultural ou recreativa, para o lazer da população local ou dos turistas, e a aquisição desses espaços para moradia, por intelectuais ou pessoas que procuram um contato com o passado, levam a uma valorização do local, como pode ser

¹² ibidem (2000) revitalização refere-se a uma reestruturação espacial profunda, como expansão da área física do centro da cidade e difusão ao poder cultural;

verificado nos inúmeros exemplos de bairros revitalizados, recuperados ou “gentrificados”¹³ em várias partes do mundo (ibidem, 2000, p. 34).

Se pensarmos nos momentos históricos em que se desenvolveu o turismo e seu entorno, podemos chamar a atenção para acontecimentos que, de certa forma, aceleraram aquilo que podemos chamar de o “ciclo do turismo”, tal como o processo de urbanização da Ilha como um todo e dos serviços públicos, como a educação e saúde, que nesse momento estavam sendo pensados como segmentos sociais de fundamental importância para a interiorização dos habitantes do interior da Ilha. Segundo Aucilino (2001), o turismo contribui para o desenvolvimento de infra-estrutura na comunidade anfitriã. Em geral, ocorre a melhoria das condições de acesso, instalação ou expansão de canalização de água, esgoto, energia elétrica e outros serviços públicos.

Quando perguntamos se o turismo tem trazido mudanças à comunidade e quais seriam estas mudanças, os moradores evidenciam que elas são consideradas boas e podem ser traduzidas nas falas dos entrevistados como as questões voltadas para caráter financeiro, para as melhorias e oportunidade de emprego, mesmo que seja temporário e na época de turismo. De uma forma geral, são empregos que não dão estabilidade, ou seja, não são de carteira de trabalho assinada, ultrapassam os horários previstos em lei e exageram em horas extras. Acontecem ainda trabalhos na rede hoteleira que são feitos por estagiários ou menores aprendizes.

Pode-se dizer que essas mudanças que ocorreram nesse processo de constituição da Praia dos Ingleses como lugar turístico, de certa forma, mexe com a identidade dos moradores nativos de origem açoriana, pois as condições básicas de sua existência são mudadas. Falamos aqui nas mudanças no seu trabalho, o desfazer-se de suas propriedades e, de certa forma, a desvalorização de suas tradições. O processo da venda da propriedade ocorreu segundo a necessidade e a condição de cada morador, ou seja, o valor da propriedade está diretamente relacionado com o distanciamento da praia. Isso significa dizer que hoje em dia essa condição revela uma dificuldade, pois quanto mais distante mais demoram em alugar suas casas na alta temporada, e, quando o fazem, é por um baixo custo. Mas, mesmo assim, de uma forma contraditória, eles salientam que o turismo, sem sombra de dúvidas, é uma oportunidade de emprego na comunidade, gerando divisas e beneficiando quase toda a população.

¹³ Do inglês *gentrification*, que pode ser traduzido como “enobrecido” ou como renovação, refinamento ou revitalização ibidem (2000);

Do Patrimônio, da Preservação da Responsabilidade social e econômica do turismo em Ingleses

Quando se trata do âmbito das responsabilidades sociais, um importante conceito a destacar é o da “obstrução”. As cidades (por menores que sejam) possuem funções diversas, como servir de espaço para residência, lazer, comunhão e trabalho. Assim, um ponto de estrangulamento da expansão do turismo é aquele em que os fluxos turísticos obstruem a existência das demais funções da cidade e da população que nela habita. Nesta mesma linha de raciocínio, Oliveira (2003, p.38) afirma que:

a cidade é atraente para um grande número de atividades: porém, ao mesmo tempo, há limites e problemas em virtude de seu caráter histórico e de sua malha urbana inalterável, sendo que às vezes isso pode se tornar uma barreira para o desenvolvimento e a adaptação a uma nova realidade.

O sentimento de preservação do patrimônio deve estar presente tanto na comunidade receptora, quanto no operador que “convida” o visitante e no próprio turista. É justamente o valor percebido e atribuído a este patrimônio que o torna mais ou menos competitivo no mercado turístico. E, que, ao mesmo tempo impede sua banalização e a comercialização “vazia”. Os ambientes naturais e construídos devem ser manejados e valorizados para permanecerem atraindo visitantes, o que alimenta o binômio: manutenção física e valorização subjetiva.

Os entrevistados se manifestam falando das vantagens que o turismo trouxe para Ingleses, salientando o desenvolvimento do comércio, os meios de comunicação, postos de saúde, entre outros. No entanto, não deixaram de demarcar que perderam a tranquilidade em relação à questão da segurança, refletindo na convivência de suas amizades e parcerias. Os entrevistados salientam alguns acontecimentos que marcaram época no turismo, como, por exemplo, a vinda de turistas argentinos, que ficou demarcada pela questão econômica, pois a presença de divisas, o dólar, tal como moeda de compra e venda, dá um outro significado às negociações imobiliárias em aluguéis de casa e para o *trade* hoteleiro. Outro acontecimento marcante nos Ingleses foi a construção do Complexo Hoteleiro Costão do Santinho Resort¹⁴, que definitivamente

¹⁴ Costão do Santinho fica na Praia do Santinho. É importante salientar que para chegar no Resort Costão do Santinho, necessariamente, precisa passar em Ingleses. Essa praia vizinha, sem dúvidas, trouxe empregos, mas, ao mesmo tempo, trouxe certa dependência dos moradores em relação à pesca artesanal e aos trabalhos de prestação de serviços.

coloca a Praia dos ingleses em outro patamar de atração turística. As entrevistadas, Dona Anna e Dona Luiza:

Trouxe melhorias, porque os argentinos antes deixavam muito dólar aqui, os argentinos; agora nem mais têm, acredito no preço do dólar que tá agora, esse verão vai ser péssimo, o dólar tá baixo. Depois da crise da Argentina, baixou bastante. Vinha aqueles mochileiros tudo, né? Tinha muito Argentino, ligavam pra nós, aqui dava não sei quantos vãos, até no aeroporto mesmo já está ruim, né? Acho que sei lá, daqui uns 5 / 6 anos vai ser mais ruim ainda. Cada vez pior. Em termos de infra-estrutura, melhorou, sim. Melhorou porque dá muito, porque dá mais, dá turismo e dá muito emprego nestes hotéis daqui, só que o pessoal de fora pegam todos os empregos, né? Porque eles trabalham com o que seja lá por quanto, e o pessoal daqui fica sobrando. Alugam mais anual, é porque o pessoal vem morar aqui pra trabalhar aqui, então aluga mais anual, pra trabalhar aqui mesmo; alguém vai pra Canasvieiras, Praia Brava, Pontas das Canas, Barra da Lagoa; alguém vai trabalhar no Centro nos restaurantes e alguém... mas a maioria fica aqui, aqui tem mais de 10 hotéis já... tem mais, tem de 12 a 15 hotéis aqui, só que é os 3 meses de temporada, 2 meses e pouco, né? Quando passa esse período, vai todo mundo embora. Aí já fica desempregado, alguém já fica devendo aluguel, aí já começa a passar calote; fica 30 dias no apartamento, já muda pra outro e já não paga aquele e assim vai indo. Eu já tenho um pouco de experiência, quando entra, já peço um mês adiantado, e aí, quando sai, não fica devendo (Dona Anna e Dona Luiza).

Os entrevistados corroboram dizendo que o turismo não interferiu diretamente na pesca artesanal, mas a grande influência foi da pesca industrial. *Pois, antigamente a pesca era artesanal, envolvendo grande parte da comunidade; nos dias atuais, a pesca que predomina é a pesca industrial, excluindo, na maioria das vezes, a comunidade deste afazer.*

O que os moradores relatam em relação aos seus filhos é que estes não os acompanham mais na pesca na época da tainha e nas tradições da comunidade. Este fato está relacionado com o querer e a necessidade que estes possuem em estudar, para não mais seguirem seus pais, em relação ao trabalho e à permanência na comunidade.

Quando perguntados no que mudou e o que financeiramente o turismo direta ou indiretamente trouxe a eles, os moradores argumentam que, além da questão financeira, estas transformações dão visibilidade aos elementos culturais, hábitos nativos, como, por exemplo, a conservação de engenhos de farinha. Salientam que fazem questão dos estudos de seus filhos, pois entendem que estão tendo a oportunidade que eles não tiveram. Entre estes aspectos, ainda revelam que o turismo também tem trazido algumas dificuldades. Citam como exemplo o fato de ter propriedades ou pagar impostos, que neste momento estão com um custo muito alto. E assim se manifesta um morador: *Os*

impostos são pagos de acordo com o pessoal da praia, e não com nós que não moramos em condomínios.

Conforme Ouriques (1998), “Surge o turismo como ‘salvação de Florianópolis’, máxima evidenciada nas opiniões de alguns representantes políticos locais distintos” (p. 11), opinião esta que por si só apontava para o crescimento da atividade turística, sem que houvesse planejamento e tampouco uma preocupação com uma infra-estrutura básica para seu desenvolvimento.

Com uma nova atitude de modo de vida, o avanço na tecnologia e a facilidade para o consumo, os turistas tidos como de “massa” acabam buscando prazer e atrações pouco originais, não se interessando pela vida real e autêntica do local visitado, levando dele lembranças, fotografias e filmagens para repassarem informações a conhecidos, multiplicando, assim, o número de visitas futuras ao mesmo local, ao mesmo tempo.

Conforme OURIQUES (1998), além de tentar desmistificar a atividade turística no que diz respeito à questão da sustentabilidade, também executou pesquisa junto aos trabalhadores do turismo, provando que há uma disparidade entre a espera do desenvolvimento turístico e o que realmente ele traz para seus trabalhadores.

Como afirma AZAVEDO (2002, p.135), argumentando que embora a interação das variáveis Cultura/Patrimônio/Turismo seja teoricamente factível, na prática não é bem assim que acontece. *O que domina são a dissociação do conjunto em segmentos estanques e a desarticulação de uma tessitura que é natural.* E por estas várias razões,

1. os bens e os serviços culturais têm uma variedade grande de uso, que não os estritamente vinculados ao turismo. Não foram (ou não são) criados para fins turísticos exclusivamente;
2. tais bens, sobretudo os especificamente patrimoniais, têm como proprietários e administradores pessoas e/ou organismos que nem sempre demonstram interesse (e às vezes até se opõem) em manter atividades turísticas ligadas a esse patrimônio;
3. bens patrimoniais são consumidos com mais rapidez do que são construídos. Mas, curiosamente, seu uso/desuso social muitas vezes é que condicionará sua própria sustentação;
4. ainda não se logrou definir, com clareza, a relação de benefício mútuo entre atrativos de visitação e organização funcional de estruturas de apoio logístico em locais relativamente próximos;

5. via de regra, o relacionamento entre atores e segmentos envolvidos nas três áreas (cultura, patrimônio, turismo) tem sido conflitante – embora não tanto quanto anteriormente. No cotidiano, cultura e patrimônio aparecem mais ou menos conjugados como matéria de estudo, enquanto turismo vem associado a mercado de trabalho e lucro. Mesmo as linguagens diárias se distanciam. Enquanto cultura ressalta o valor intrínseco de patrimônio e identidade, turismo falta de destinação e atrativos;
6. há uma questão recente funcionando em certa medida como complicador da tradição cultural. Trata-se da dificuldade de conciliação entre megaeventos que se espalham sob forma de grandes festivais (com utilização de esquemas promocionais e recursos eletrônicos de grande porte) e a sustentação de autenticidade que vem sendo cada vez mais requerida como efeito, elemento diferencial no caso de projetos turísticos;
7. algumas incertezas e dificuldades mencionadas anteriormente apontam, permeiam, causando contrapontos ao desenvolvimento do turismo. A união de cultura, patrimônio e turismo, em algumas destinações, têm sido árdua para esse tripé entrar em um consenso: é óbvio que não propositalmente, mas sempre há uma intervenção para seu real funcionamento.

Acentuam-se às comunidades locais: a manifestação de suas tradições culturais, o efeito sobre os seus valores e comportamentos sociais, bem como o reflexo sobre a identidade do grupo. Acrescentam-se três questões centrais a este debate, apontadas por Krippendorf (2001, 67), a saber: Como eles vivem [os autóctones] a experiência do turismo? Quais suas motivações, interesses e necessidades? O que lhes traz, de fato, o turismo?

Com as respostas, quando perguntamos qual a relação que os turistas têm com a população local, destacamos que existem aqueles que só estão preocupados com a beleza natural da Ilha e aqueles que se interessam por se aproximar dos autóctones como forma de melhor entender a população local, seus hábitos e cultura, pois, afinal, a maioria dos turistas se alimenta de pratos que, de certa forma, são típicos da Ilha, principalmente as iguarias dos frutos do mar. Estas questões vêm ao encontro do que pensam e dizem os entrevistados que aceitam o turista, pois, de certa forma, estes dão visibilidade à sua culinária e artesanato. Por outro lado, alguns entrevistados se colocaram de uma forma mais resistente a certo tipo de turista. E assim diz dona. Nani: *Pra falar bem a verdade pra ti, é o que eu te disse, eu gosto muito dos gaúchos do interior, mas da cidade, não. São muito metidos.*

Ainda sobre a dimensão sócio-cultural do Turismo, Swarbrooke (2000) assim a defende, na sua forma ideal de ocorrência:

- equidade, assegurando que todos os que investem no turismo sejam tratados de forma justa;
- equivalência de oportunidade, tanto para os que trabalham na indústria do turismo tanto quanto para as pessoas que querem ser turistas;
- ética, em outras palavras, a indústria do turismo agindo com honestidade em relação ao turista e sendo ética na forma de lidar com os seus fornecedores e, igualmente, os governos destas localidades sendo éticos em relação a sua população local e aos turistas;

Equivalência de parceria, isto é, os turistas tratando os que o servem como parceiros iguais, e não como subalternos.

Sob esse enfoque, cabe colocar os fatores (Burns, 2002) que podem explicar a alteração nos estilos de vida e costumes dos moradores das comunidades anfitriãs: a comercialização das tradições, o efeito expositivo e a transação da cultura.

Os moradores entrevistados apontam para estas questões com certa crítica ao governo. Pode-se perceber que são questões de resistência e desagrado às políticas públicas que, no entender deles, não chegam como benefício à população como deveria ser. Percebe-se que não há distinção entre as críticas do governo municipal e federal. Governo não olha por nós, vê somente estabelecimento grande, corrobora a moradora, Dona.Olga:

Olha, o que eu penso que eles não fazem é nada, eu acho assim, que eu não vejo assim a ação do governo na parte do turismo aqui, as pessoas que trabalham neste ramo que têm mais interesse em desenvolver. Só falam!

Reforça essa posição a entrevistada Dona Nani quando diz:

Não. Eu não gostei nem do presidente aí, desse governo, eu não gostei de nada. Já visse um presidente que aumenta o salário do aposentado de R\$ 20,00. Isso é uma vergonha, isso é dinheiro, vai viver com o quê? Um aposentado que ganha R\$ 380,00, paga aluguel e sobra pra quê? Pra nada!

Embora se perceba que, em relação ao governo, num primeiro momento, faz parte mais de um sentimento de descontentamento, de uma forma geral. Na seqüência do diálogo, os entrevistados manifestam concretamente do que e de onde estão falando, ou seja, revelam as faltas e os serviços de infra-estrutura que, com certeza, deveriam fazer parte de uma cidade que, nesse caso, a Praia dos Ingleses, que se considera uma

das mais procuradas da Ilha em relação ao turismo. E assim eles se colocam revelando os limites e seus desdobramentos que os turistas e moradores encontram:

Falta um turismo de Planejamento com um bom saneamento básico. Nós temos aqui dois postos de saúde, um 24h, isso aí é muito bom, mas é muito pouco e não dá conta de todos os problemas de doenças que a comunidade precisa. Tem as clínicas particulares, mas é muito caro para nós. Na verdade, aqui só tem bons hotéis, os bancos, mas não tem um hospital, né? Falta uma área de lazer, um divertimento, uma quadra de esporte, que não tem, um bom campo de futebol. Se tu me perguntar o que o turismo tem feito nos Ingleses, aqui no verão, não tem uma banda, não tem nada. O pessoal aqui dos ingleses vão mais para Avenida de Canasvieira (praia vizinha), à noite. O pessoal de verão, porque aqui não tem nada, só tem a praia. Para o turista, a praia é boa, para nós, moradores, é pouco!!! Falam o Sr. Cássio e o Sr. Artur.

Falta tudo, não tem planejamento, as pessoas são jogadas aqui, falta muita coisa ainda, principalmente do que vão fazer.

Seguramente o Estado teve e tem um importante papel no desenrolar de todos os acontecimentos do turismo, como assim destaca LAGO (apud, OURIQUES, 1998, P.62):

A modernização das rodovias interiores da lha de Santa Catarina, a exemplo de uma ação estadual, representou no início da década um impulso poderoso para incrementar realizações privadas. Além disso, melhorias no sistema de abastecimento d'água, de energia elétrica e outras de natureza urbanística foram e têm sido introduzidas em diversos ambientes onde a presença de grande massa de turistas começa a caracterizar, sobretudo, o período de veraneio.

Nestas décadas de crescimento, de acentuado desenvolvimento populacional urbano, incrementa-se também a busca e a ocupação das praias pela população local e, principalmente, por turistas estaduais, interestaduais e estrangeiros, dando início ao crescimento da atividade turística da Ilha. Ouriques (1998) observa o seguinte:

É possível notar que a preservação tanto do patrimônio como do bem-estar dos turistas e moradores passa pelos investimentos que passam por uma certa segurança em poder ter o básico: Um trabalho, uma moradia e as condições básicas minimamente equilibradas. Corrobora com este pensamento o Sr. Caetano quando diz: *Um dos maiores problemas enfrentados pelos trabalhadores é a questão da informalidade na atividade, na qual não há a mínima garantia, tampouco benefícios assegurados aos trabalhadores registrados.*

Dos Impactos do Turismo na Praia dos Ingleses

Para reforçar essa discussão, buscamos Lins (1994), que destaca dentre as condições características do trabalho vinculado à atividade turística na Ilha de Santa Catarina (observáveis em inúmeros outros destinos turísticos): o caráter temporário da ocupação da mão-de-obra, a grande rotatividade nos empregos, o reduzido nível salarial e a carência de regulamentos trabalhistas.

Para alguns moradores, o turismo foi benéfico, pois gera divisas; como eles mesmos apontam, o turismo trouxe mais movimentos em seus estabelecimentos comerciais, assim como a geração de empregos, dando mais oportunidades aos moradores para trabalharem e tirarem seu sustento. A valorização do empreendimento do Costão do Santinho, como os mesmos relatam, trouxe uma geração de emprego e que “graças” a este empreendimento a Praia dos Ingleses foi valorizada.

Quando perguntamos se os entrevistados possuem algum estabelecimento comercial e também se possuem terrenos ou moram em seus próprios terrenos, destacamos que este questionamento está relacionado com a importância que os moradores nativos atribuem à propriedade. Entendemos que há uma relação de bens de uso e valores de troca. Um fato era ter, anteriormente, uma propriedade como bem de uso e outro é a venda ou troca desse bem por um outro não produtivo. Na verdade, entendemos que esses moradores entrevistados são, na maioria, privilegiados, pois ainda continuam proprietários e, de certa forma, têm negócios como posto de gasolina, restaurante, imobiliária, bares, pesca, entre outros. Esta questão de preservar o que tem é significativa, pois a permanência dos pais e o ponto de referência para os filhos e netos significam dizer que a propriedade constitui, mesmo que temporária, um elemento de resistência à especulação imobiliária.

Perguntamos aos moradores se, na hipótese de eles terem outras oportunidades, se trabalhariam com o turismo. A maioria demonstrou que gostaria de trabalhar com o turismo, sim, dizendo que ele oportuniza favoráveis rendas. Aqui fica claro que os entrevistados gostariam de trabalhar no turismo por alguns motivos. Constatamos que o primeiro grande interesse é o financeiro, outro é ter uma ocupação e o outro ainda é aquilo que percebemos e poderíamos chamar *um saudosismo*, por já ter feito parte desse processo. Salienta-se que esse interesse vai desde a prestação de serviço ou de trazer um pouco da cultura do lugar (artesanato) ou ainda está relacionado ao empreendedorismo de pequenos negócios.

No entanto, os entrevistados se posicionam dizendo que um fato que tem criado dificuldade para a comunidade é a mudança gradativa, que mexe com o cotidiano e as tradições dos moradores. Exemplo disso são as questões dos eventos culturais, como o boi de mamão, a Festa do Divino, Nossa Senhora dos Navegantes, entre outros, e ainda lamentam sobre a questão que eles chamam “tirada do sossego”. Entendemos que a maioria das pessoas que vêm para a praia chegam com a intenção do lazer e de usufruir as suas férias e o seu tempo livre. Essa disponibilidade dos turistas nem sempre coincide com o cotidiano do morador trabalhador, que necessita de transporte coletivo mais efetivo, um trânsito mais organizado, bancos, ruas com melhores acessos e até melhores atendimentos nos postos de saúde. E assim se expressa a Sra. Maria: *Sim, para mim e para comunidade, financeiras (mudanças boas) e falta de sossego (mudanças ruins).*

O que muitas vezes não é percebido pelos trabalhadores é que o valor recebido parece ser maior, mas a inexistência dos benefícios de que têm direitos torna o salário muito menor. Ademais, geralmente os trabalhos na área de turismo em alta temporada são de níveis secundários.

Apesar de o turismo trazer oportunidades de imediato para a inserção dos trabalhadores sazonais ao *trade* turístico, como vimos, as condições de empregos são geralmente instáveis e temporárias. Tais empregos são espécies de mitos que foram criados na cidade a respeito daqueles gerados pelo turismo, uma vez que Florianópolis não é uma cidade sem outras fortes possibilidades além dele. Citamos como exemplo as faculdades e cursos de níveis técnicos que vêm a contribuir com a qualificação do profissional da área de turismo, basta saber desenvolver e aproveitar este novo mercado.

As transformações provocadas pelo turismo podem ser distinguidas entre “impactos” positivos e negativos ou, ainda, “custos” e “benefícios”, respectivamente. Não é possível desenvolver turismo sem que haja transformações ambientais, sociais, culturais e econômicas em uma localidade. De acordo com Moesch (2001, p.26), o “turismo é um processo sócio-cultural que ultrapassa o entendimento enquanto função de um sistema econômico, ou seja, envolve todo o meio ambiente”. Os impactos do turismo referem-se a um conjunto de modificações ou seqüência de eventos, provocados pelo desenvolvimento da atividade nas localidades receptoras. Resultam de um processo e não constituem eventos pontuais (RUSCHMANN, 1994, p.2).

Estes “custos” ou “impactos” sociais e culturais derivados da atividade turística levam tempo para aparecer e, como são mudanças qualitativas, podem ser sutis e de difícil mensuração. Inclusive para os próprios moradores das localidades turísticas, os quais estão imersos em tal circunstância.

Diante do até então exposto, evidencia-se a dualidade do fenômeno Turismo. Swarbrooke (2000) afirma-nos que: “Há um grande número de fatores que determinam se o resultado dos impactos sócio-culturais será positivo ou negativo num local específico”. Dentre eles:

- a força e a coerência da sociedade e da cultura locais;
- a natureza do turismo na localidade;
- o grau de desenvolvimento social e econômico da população local em relação aos turistas;
- as medidas tomadas, se forem o caso, pelo setor público para administrar o turismo de modo a minimizar seus custos sócio-culturais.

Ao se perguntar para os entrevistados se o turismo é um problema ou uma solução, no seu entender, e se conforme ele foi implementado em Florianópolis, no caso da Praia dos Ingleses, teria trazido soluções ou problemas para a comunidade, o que se pôde perceber foi que os entrevistados, de uma forma geral, dizem que o turismo possibilitou um maior desenvolvimento para a comunidade e também revelou os limites que empreendimentos trouxeram para a comunidade que, grosso modo, fazem a leitura dessa realidade colocando esta situação sob enfoque dos problemas (limites) e das soluções (problemas). Sob esse tema, trazemos uma síntese de um dos encontros com um grupo de mulheres entrevistadas, Sra. Maria, Sra. Chica e Sra. Anna, as quais, no nosso entender, trazem questões que são fundamentais para dar visibilidade a questões que, ao mesmo tempo em que são questões simples do seu cotidiano, denunciam e revelam seus sentimentos, angústias e necessidades:

Problema, o Limite: Novas organizações da periferia da Praia dos Ingleses acarretada boom turístico, tiveram coisas boas e coisas ruins. Aqui ainda falta esgoto, está fazendo as tubulações, pega a rua das Gaivotas, estão fazendo as tubulações, de onde tem os maiores hotéis, estão levando pra lá. Aonde tem a rua Dom João Becker, na metade até o Costão, eles não estão fazendo nada, cortaram pela metade para dar prioridade para os hotéis grandes, Praiatur, Porto Ingleses, Porto Velho... deu prioridade pra lá, e pra cá, que é mais centro, ainda não, porque a verba só saiu para os grandes, eles estão ali, estão trabalhando. Para fazer para o Santinho, tem que passar por aqui, acredita que eles vão fazer, sim, por causa do Santinho. Problema: bandidagem, droga, favela. Solução financeira, até que dá oportunidade de trabalho às pessoas.

Solução, possibilidades geradas pelo turismo: mudou porque traz dinheiro para nossa população. Solução, dinheiro fica aqui, mais solução do que problema. O

turismo traz solução porque gasta aqui, né? Se não tivesse o turismo, não tava aumentada aqui como tá. Porque o turismo vem e aluga um apto de R\$ 80,00, R\$ 60,00, e já não vem tantos porque eles estão “disurpando”, já pensasse em alugar os aptos por R\$ 350,00 / R\$ 300,00 uma diária, correm com eles daqui, daí tu vez, eles vão mais pra Bahia, pra lá. Então eles não agüentam mesmo, mas o turismo, eles alugando os aptos a R\$ 50,00 / 60,00 a diária, quantos dinheiros eles deixam aqui? O dinheiro fica aqui, porque quem vem de fora e abre comércio aqui já mora aqui;, então o dinheiro fica aqui mesmo, aí eles ficam aplicando aqui mesmo. Pra tu vê, hoje ligou uma moça dizendo que tem um apto para vender aqui perto da praia por R\$ 60.000,00, olha que barato! Não existe isso aí, tudo legalizado, direitinho! É que ela tava precisando, não ainda não vendeu. Tem outro que é do lado de lá, que é uma “tetéia”, de dois quartos, está R\$ 70.000,00, coisa mais linda, terminado Há pouco, não foi habitado ainda, perto da praia. Meus filhos moram aqui perto, esse que casou agora é pescador, está arrasado, queimaram a rede dele. Porque, não sei se tu sabes, tem uma lei que é pelo ministério público, que é da pesca, que do dia 05 de maio ao dia 15 de julho não pode o surfista surfar, aí entrou o surfista na água, e ele pediu para sair. Solução, eu acho que foi bom, foi ótimo. Acho que deveria ter, falta um espaço, falta uma oportunidade, falta tudo, nega. Tu vê assim o Costão do Marcondes, quantos turistas ele recebe. Aquilo ali tudo é um evento assim que eles fazem lá, e aquilo sempre é um... Melhoramento para a comunidade, tu vê, quantas pessoas ele empregou lá?; quantas pessoas ele deu trabalho? As pessoas dizem: ah, eu estou empregado em função do Marcondes, tudo... o turismo traz muita coisa boa, ajuda muito, eu acho que ajuda muito, se não fosse lá, ele não teria aquelas pessoas trabalhando, empregadas, pais de família. E se não tivesse aquilo lá? Então o turismo que veio puxando, que chamou isso, que deu esta chance para o emprego... uns criticam, mas não adianta criticar, eu sou a favor. Mas, pela questão cultural, o turismo não abafou nada, nega, não abafou nada, não. Pelo contrário, acho que pra mim melhorou muito, a minha filha também fala: melhorou. Trouxe muita coisa boa, muito melhoramento. Até as pessoa que freqüentam a escola da minha filha são de turistas que pra cá vieram, depois vieram morar. É um círculo. Muitos não têm condições porque trabalham, já têm dificuldade de trazer o filho do colégio, já têm o moço que faz o transporte, já chega ali, já traz as crianças, já vem buscar. Então todas estas pessoas por muitas vezes já fazem o transporte com os turistas também e acabam trabalhando com o turismo. Mas não te preocupa não, que o turismo foi muito bom! Foi uma solução boa, né? Ingleses não tinha nada. De lá pra cá cresceu com prédios, hotéis, aptos tudo pra cá, cresceu muito. Para população foi boa,

a população gosta de trabalhar com a questão do turismo. Todo mundo fica empregado na temporada, todo mundo ganha tirar logo, né? Tem Muita ignorância também, né? Isso aí já foi o tempo. Aí a dinheiro, financeiramente, bom. Tem dado umas temporadas boas. A farra do boi estão querendo, polícia vem em cima, prende o boi, leva, o cara que comprou o boi perde o dinheiro que deu. Acho que não vão fazer farra do boi em outro lugar.

Uma interrogação como esta torna polêmica a discussão, pois o turismo, em alguns locais, não generalizando, está descaracterizando-se em relação à população local por questões eminentemente econômicas.

Nas décadas passadas, foi constatado que o turismo veio a contribuir para o desenvolvimento de inúmeras regiões que souberam planejar, respeitando e valorizando as culturas e tradições locais.

Da cultura e costumes dos moradores da Praia dos Ingleses

No decorrer das entrevistas e no convívio com os moradores, o posicionamento moradores ser uma relação utilitarista, que não passava de um momento, um acontecimento um ciclo, que aparentemente estava desarticulado dos costumes dos hábitos e das tradições da comunidade. Foi com a convivência e com a constituição de certo vínculo, que pudemos perceber o que os entrevistados diziam sobre a sua cultura na relação com o turismo. Optamos por deixar, na íntegra, suas falas e sentimentos que, no nosso entender, são reveladores quando esse se posicionam sobre uma temática polêmica e debatida na mídia e na sociedade:

Perdemos muita questão da nossa cultura açoriana, mas a modernidade é assim, né, minha filha? Tradições culturais não tem mais nada. Tradições culturais acabou, aqui o que tem é farra do boi. Na época de Páscoa, é lá no Santinho; aqui na nossa comunidade, não. A festa que temos aqui ainda é só de igreja mesmo. Fazem jantar dançante. Jovens fazem. Farra do boi... terminou Não tem mais nada, a coisa que mais tinha que ter, que é que é coisa de mais de 100 anos atrás, é aquela farra do boi, eles cortaram, não tem mais, como é que tem na Espanha? E aqui não tem? Aí eles dizem por que é uma área de turismo, área de turismo, sim, o ano todo. O pessoal vem pra aqui e aproveitam o verão, mas isso aí é só uma Semana Santa, então eles podiam ter um carro com alto-falante, avisando que ia ter aquela brincadeira, porque a

maioria gostam muito, e aí não aquela tradição é mais de 100 anos e agora os filhos, que vem dos avós, já gostavam, os pais, já acabou. O boi de mamão também terminou. Com a modernidade, as festas foram se acabando. Mas o povo não sente mais falta. Antes tinha a farra do boi, boi de mamão. Hoje, nem dia não tem mais nada, tudo é muita violência, mas também não faz falta. As pessoas não querem mais saber disto. Não, não prejudicou em nada... as tradições continuam. Quem terminou, mas os meus filhos, não pretendem terminar. Quanto o turismo, não prejudicou em nada, nada. Fazem apresentação de boi de mamão, sim; essa semana vierem aqui no colégio apresentar. Farra do boi, querem terminar. Ingleses, na verdade, não tem mais função de farra do boi, não tem mais, virou uma cidade. É uma cidade já, né? Não é mais uma comunidade. Tem tudo aqui, não precisa nem mais ir pro Centro. Fora a farra do boi, mudou pouca coisa. Turismo avançou muito.

O auge do turismo de massa sacrificou o turismo cultural, e algumas situações, em particular sociais das comunidades. Com o decorrer do tempo, as crenças tornaram-se generalizadas, a cultura perdeu seu charme, passando a ter um padrão cultural em diversas etnias. A tendência de explorar os recursos naturais, culturais e históricos, passando a ser tratados de forma capitalista, consumista e direcionando os interesses ao lucro, disparatando a degradação de alguns lugares e aumentando o desordenado crescimento populacional. Jafar Jafari contextualiza em poucas palavras a respeito desta degradação cultural: “a observação comum a respeito dos impactos culturais é de que o turismo reduz os povos e sua cultura a objetos de consumo e ocasiona desajustes na sociedade receptora¹⁵. Barretto corrobora ainda dizendo que “teme que, com os núcleos turísticos, aconteça o mesmo que com qualquer produto da sociedade de consumo.” Quando um produto deixa de ser comprado, os fabricantes descartam e o substituem por outro. Só que, no caso do turismo, o “produto” são populações inteiras, que quando os turistas já não as quiserem como objeto de consumo, não poderão ser jogadas no lixo. O que será feito então?

Uma interrogação como esta torna polêmica a discussão, pois o turismo, em alguns locais, não generalizando, está se descaracterizando em relação à população local por questões eminentemente econômicas.

Nas décadas passadas, foi constatado que ele veio a contribuir para o desenvolvimento de inúmeras regiões que souberam planejar, respeitando e valorizando as culturas e tradições locais.

¹⁵ ibidem, 2000, p.30 apud JAFARI, 1994, p.12;

Falamos aqui da valorização do patrimônio humano nas comunidades tradicionais é uma das primordiais tendências do legado cultural mundial, como associação de acontecimentos e tradições vivas, pensamentos, crenças e valores culturais. Em função da recente valorização, tais tendências são agora tidas como possíveis componentes do acervo cultural. O patrimônio deixa de ser valioso por sua significação na história ou na identidade local e passa a ser valioso porque pode ser “vendido” como atrativo turístico (ibidem, 2000, p.32 apud WALL, 1997, p.138).

A partir dos anos 80, o fenômeno turístico na cidade de Florianópolis passou a adquirir relevância e consolidou-se como atividade econômica, gerando no contorno da Ilha de Santa Catarina uma série de modificações estruturais voltadas para acomodação de tal atividade (p. 11)

Como advento do turismo, e apesar de Florianópolis ter um grande potencial “natural” e “tradicional”, tornam-se ligeiramente questionáveis os hábitos de vida dos ilhéus, além da degradação e grande transformação nítidas aos bons olhos por toda a cidade. A cidade viveu uma situação caótica em detrimento deste *boom* do turismo. A falta de infra-estrutura para oferta de uma quantidade além do limite de capacitação na cidade, bem como o modelo de “planejamento” turístico revelaram um grande dilema de sustentabilidade. Era imprescindível um planejamento adequado para esta Ilha de Santa Catarina escolher o tipo de turismo, quais os turistas em potencial; analisar a capacidade de carga e discutir seus reflexos dentro da cidade (FANTIN, 2000).

Em conseqüência disso, o declínio da atividade pesqueira foi, entre muitas transformações tradicionais, sócio, econômica e cultural, em função do acontecimento da atividade turística sem adequado planejamento, fazendo com que pescadores de “pesca artesanal” procurassem outras atividades, exigindo que ela se tornasse uma prática secundária de economia do lar.

Conforme já visto, a sazonalidade é um dos aspectos responsáveis por esta instabilidade; a dependência do turismo é significativa, acarretando ainda à população residente na cidade uma elevação anormal dos preços dos serviços e produtos durante a alta temporada, concentrada, nos dias atuais, mais nas áreas balneárias da cidade. Além desta questão, a população residente é atingida por problemas viários, os quais são agravados no período de dezembro a março, muitas vezes inviabilizando as atividades de outros setores da população, que são atingidos pela falta de abastecimento de água, energia elétrica e saneamento básico.

A grande questão que fica é: Será que o turismo em Ingleses é somente um ciclo? Ele tem possibilidade? Ou, quem sabe, já se esgotou? Estará o turismo em

Ingleses em refluxo, como um bairro urbanizado e com todos os desdobramentos que a urbanização traz, como insegurança, favelização, desemprego, gerando impacto social marcante aos moradores? Acarreta também o aproveitamento da mão-de-obra local, não deve ser o único motivador para se implementar atividades relacionadas ao turismo, pois pode acarretar graves conseqüências ambientais e comunitárias. Rodrigues (1997) destaca que:

Em vez de oferecer subsídios para o desenvolvimento qualitativo e durável das localidades onde foram implantados, os projetos de turismo provocaram o aparecimento de problemas sociais e ambientais de toda ordem, como, por exemplo, a ocupação desenfreada das áreas próximas ao litoral brasileiro, superconcentração de pessoas e de infra-estrutura turística em algumas localidades, desestruturação dos modos de vida de comunidades tradicionais, praticamente nenhuma contribuição para a melhoria da distribuição de renda entre os habitantes locais, e muita degradação ambiental Rodrigues (1997 p. 91)

Fica evidente para os moradores que o turismo trouxe uma considerável evolução na comunidade, como modernidade, geração de empregos, circulação de divisas, mas, em contra partida, também trouxe algumas limitações, sendo elas a violência, o consumo de drogas e a ausência da tranquilidade que a comunidade desfrutava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se chegar ao final de uma etapa de trabalho, muito pôde ser dito sobre a experiência vivida, tanto no que se refere ao aprendizado, que envolve investigar e refletir sobre uma determinada realidade, como de se aproximar de autores que já fizeram outras reflexões para dialogar. Sem dúvida é um processo enriquecedor, tanto pessoal como coletivamente, pois acredito que estes estudos fortalecem o debate na área do conhecimento do turismo. Nesse processo, é de fundamental importância a relação com populações receptoras que mostram sua cultura, tradições e modo vida, pois sem elas não cumpriria a sua função social. Reconstituímos aqui traços da caminhada, apresentamos constatações e formulamos considerações que, no nosso entender, se tornaram mais evidentes durante o processo de pesquisa..

Propusemos através deste estudo identificar as transformações socioculturais do turismo na Praia dos Ingleses; caracterizar as representações sociais da comunidade em estudo em relação ao turismo; e descrever os impactos socioculturais em função da atividade turística nesta comunidade, observando se os impactos socioculturais analisados são ótica das possibilidades (benéficos) e limites (prejuízo) para o desenvolvimento e a qualidade do turismo em Florianópolis.

O objetivo desta pesquisa foi: analisar as mudanças socioculturais decorrentes do turismo na Praia dos Ingleses, na cidade de Florianópolis (SC), bem como os específicos: Identificar fatos e ações importantes que demarcaram o desenvolvimento do turismo na cidade de Florianópolis, mais especificamente na Praia dos Ingleses, no período de 1975 a 2005.

Com essa intencionalidade é que nos aproximamos de 11 moradores nativos da comunidade dos Ingleses com a finalidade de buscar depoimentos e falas que revelassem as representações dos sentimentos, das ações e os desejos dessa população em relação ao Turismo na Praia dos Ingleses na cidade de Florianópolis-SC.

Sob essa égide nos centramos em três grandes enfoques, a saber:

a) Das mudanças e transformações

Os moradores entrevistados vivem a contradição das mudanças sociais advindas do turismo, pois, se por um lado eles apresentam uma certa satisfação por reconhecerem que vivem em uma praia, que é considerada um dos principais pontos turísticos da cidade, por outro lado manifestam a preocupação por entenderem que esse turismo é sazonal e não apresenta alternativas para além do três meses de alta

temporada, além de estarem sofrendo rápidas mudanças em relação às questões de segurança e violência na comunidade. Seus depoimentos demonstraram também uma certa inquietação em relação à *invasão* pelas *pessoas de fora*, fala esta traduzida por um entrevistado: *as pessoas vêm a Florianópolis passar férias e aqui ficam residindo e se apropriam das oportunidades de emprego e, até mesmo, oportunidades empresariais dos Nativos da comunidade*. Chamam a atenção ainda sobre a precariedade da infraestrutura, bem como da escassez de áreas de lazer e opções de diversão noturna, situação essa que desqualifica o lugar, podendo levar os próprios turistas a optar por outras praias e localidades da cidade.

b) Da cultura, patrimônio, preservação e da responsabilidade social

O sentimento de preservação do patrimônio deve estar presente tanto na comunidade receptora quanto no operador que “convida” o visitante e no próprio turista. É justamente o valor percebido e atribuído a este patrimônio que o torna mais ou menos competitivo no mercado turístico, e que ao mesmo tempo impede sua banalização e a comercialização “vazia”. Os ambientes naturais e construídos devem ser manejados e valorizados para permanecerem atraindo visitantes, o que alimenta o binômio: manutenção física e valorização subjetiva.

Estes denunciam a falta de infra-estrutura, investimentos na comunidade e conseqüentemente a perda de identidade sócio-cultural, como as festas tradicionais, a pesca e o artesanato local. Todas estas questões vão de encontro às iniciativas das premissas do turismo sustentável.

As autoridades e as instituições políticas, diante das pressões da opinião pública, contribuirão para o desenvolvimento dos interesses das comunidades e de seu ambiente original, definindo um planejamento adequado para cada caso e zelando para que as proposições sejam seguidas. A população da comunidade dos Ingleses tem reivindicado ao Estado, políticas públicas que subsidiem um turismo planejado e organizado de forma mais participativa e sustentável.

c) Dos impactos que geram possibilidades e limites para o desenvolvimento do turismo.

Constatamos que os moradores pensam que o turismo na comunidade trouxe um avanço de desenvolvimento, de oportunidades de emprego e de geração de rendas. No entanto, concomitantemente deixam clara a ausência de valorização cultural quando

opinam sobre suas tradições; os moradores apontam que a questão da cultura foi se desfazendo, que a modernidade alterou completamente suas formas de viver e de pensar.

Todas estas questões dependem do ciclo de turismo, pois, se continuarmos com esta ausência de casos para as comunidades autóctones, o turismo vai ser um ciclo, com começo meio e fim, por isso devemos pensar globalmente e agir localmente com sustentabilidade. Um turismo com ampliação das possibilidades e minimização dos limites.

Estamos cientes de que as considerações desta pesquisa não se esgotam aqui, pois se aposta em turismo de continuação e de pensamentos sobre a valorização social, com aproximação do resgate cultural. Que o turismo seja compatível com o desenvolvimento sustentável, através de cursos profissionalizantes de capacitação, mesmo que sejam somente nos meses de alta temporada, pois os atores sociais competem por igual com outros profissionais por uma oportunidade de trabalho.

Entendemos que as transformações provocadas pelo turismo podem ser distinguidas entre “impactos” que produzam possibilidades ou limites. Não é possível desenvolver turismo sem que haja transformações ambientais, sociais, culturais e econômicas em uma localidade. De acordo com Moesch (2001, p.26) o “turismo é um processo sócio-cultural que ultrapassa o entendimento como função de um sistema econômico, ou seja, envolve todo o meio ambiente”. Os impactos do turismo referem-se a um conjunto de modificações ou seqüência de eventos provocados pelo desenvolvimento da atividade nas localidades receptoras. Resultam de um processo e não constituem eventos pontuais. (RUSCHMANN, 1994, p.2).

Sabemos que não chegamos ao fim, mas temos a certeza de que fizemos uma caminhada nutrida de muitos saberes, vivências e relações interpessoais de valor inestimável para uma produção legítima, consistente e profícua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AULICINO, Madalena Pedroso. **Turismo e estâncias: impactos e benefícios para os municípios**. São Paulo (SP): Futura, 2001.
- AZEVEDO, Julia; IRVING, A Marta. **Turismo: O Desafio da sustentabilidade**. São Paulo (SP); Futura, 2002.
- BARRETTO, Magarita. **Turismo e Legado Cultural**. Campinas (SP): Papyrus, 2000.
- BENI, Mário Carlos. **Globalização do Turismo: Megatendência do setor e realidade brasileira**. São Paulo (SP).
- BESCUVIDES A, Lee ME e McCormick PJ. **Residents' perceptions of the cultural benefits of tourism**. *Annals of Tourism Research* 2002; 29 (2):302-319.
- BOULLON, Roberto C.: **Os Municípios Turísticos**. Bauru (SP) Edusc, 2002
- BURNS, Peter. **Turismo e Antropologia: uma introdução**. São Paulo (SP): Chronos, 2002.
- CASTRO, Celso Antonio Pinheiro de. **Sociologia Aplicada ao Turismo**. São Paulo (SP).
- CECCA, Centro de Estudos, Cultura e Cidadania. **Uma cidade numa Ilha: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina**: Florianópolis: Insular, 1997.
- _____. **Uma cidade numa Ilha**. Florianópolis: Insular, 1996.
- CODESUL. **O turismo em Santa Catarina**. Florianópolis, 1970.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Ed. Ática, 2002.
- DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. São Paulo (SP): Editora Perspectiva. 1972
- FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida: Dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis**. Florianópolis (SC): Cidade Futura, 2000.
- FERREIRA. A. B. H. (1996). **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- FERREIRA, Sérgio L. (1998). **O banho de mar na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis (SC). Ed. Das Águas.
- FERREIRA, Francisco A. C. (1992). **Turismo e desenvolvimento urbano: avaliação do impacto sócio-ambiental turística da Ilha de Santa Catarina**. Dissertação de mestrado em Sociologia política, UFSC, Florianópolis (SC).

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 3ª Edição. Rio de Janeiro (RJ): Ed. Record. 1999.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**: Para uma nova compreensão do Lazer das Viagens. São Paulo (SP); Aleph, 2001.

LAGO, Mara Coelho de Souza. **Modos de vida e identidade**: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Ed da UFSC, 1996.

LÈFEVRE, F.; LÈFEVRE, M.L.C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caixas do Sul (RS): EDUSC, 2003.

LINS, Hoyedo Nunes. **Herança açoriana e turismo na Ilha de Santa Catarina**. Revista de Ciências Humanas, vol. 10, nº 14, 1994.

MINAYO, M. C. De Souza (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 19ª Edição. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

MORETTO NETO, Luiz (1993). **A atividade turística e o desenvolvimento sustentado**. Estudo de caso: o balneário dos Ingleses e o Projeto Costa Norte – Ilha de Santa Catarina, no período de 1960 – 1990. Dissertação de mestrado em Geografia, UFSC, Florianópolis (SC).

OLIVEIRA, Fernando Vicente. Capacidade de carga nas cidades históricas. Campinas: Papirus, 2003.

OURIQUES, Helton Ricardo. **Turismo em Florianópolis**: Uma crítica à indústria pós moderna. Florianópolis (SC): Editora: UFSC, 1998.

PAIVA, Maria das Graças de M.V. (1995). **Sociologia do Turismo**. Campinas, São Paulo: Papirus.

PELUSO, Victor A. (1991). **Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina**. Florianópolis, IOESC

PINHEIRO, Mirian. **Turismo em Florianópolis nos anos 90**: uma abordagem histórico-crítica. Dissertação de Mestrado – Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2002.

RUSCHMANN, Doris van de Meene. **Turismo e Planejamento Sustentável**: A proteção ao meio ambiente. 10ª Edição Campinas (SP). Papiurs Editora, 1997.

_____. **Turismo no Brasil**: Análise e Tendências. Barueri (SP): Manole, 2002.

SANTOS, Milton (1997). **Metamorfose do espaço habitado**. 5ª edição, São Paulo: HUCITEC, 1997.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável: conceitos e impactos ambientais**, vol.1; (tradução Margarete Dias Pulido). São Paulo: Aleph, 2000.

URRY, John. **O Olhar do Turista: Lazer e Viagens nas sociedades contemporâneas**. 3ª Edição. São Paulo (SP): Studio Nobel: SESC, 2001.

VAZ, Nelson P. (1991). **Reorganização da área central de Florianópolis: o espaço público ritual**. Dissertação de mestrado em Geografia, UFSC, Florianópolis (SC).

VIEIRA, M. G. E. de D; PEREIRA, R. M. F. do A. **Formações sócio-espaciais catarinenses: notas preliminares**. In Anais do Congresso de História e Geografia de Santa Catarina. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 1997.

VICTÓRIA, C.G; KNAUTH, D.R.; HASSEN, M. De Nazaré. **Pesquisa Qualitativa em Saúde**. Uma introdução ao Tema. Porto Alegre (RS): Tomo Editorial, 2000.

WEAVER BD e Lawton JL. **Residents perceptions in the urban-rural fringe**. *Annals of Tourism Research*, 2001; 28(2): 439-458.

ANEXOS

Thianne Durand Mussoi

QUESTIONÁRIO

1º Bloco:

Nome completo -

Apelido: _____

Endereço: _____

Idade: _____

Profissão -

Ocupação: _____

Casado /

Solteiro: _____

Filhos: Sim () Não () – Número de

filhos: _____

Quem mora com ela

(e): _____

Tem religião?

Qual? _____

O que mais gosta de fazer para se

divertir? _____

1ª ETAPA: ENTREVISTA ESTRUTURADA

1) O que você pensa do turismo na cidade de Florianópolis e na Praia dos Ingleses?

2) Quando e como o turismo surgiu na Praia dos Ingleses? De que forma ele surgiu?

3) O que o turismo trouxe à comunidade?

Melhorias: Infra-estrutura / posto de saúde / área de lazer / escolas / novas moradas / empregos / novos empreendimentos

Prejuízos: Econômicos / cultural / social / trabalho / complexo imobiliário / trabalho fora de casa /

4) Se mudou, em que mudou?

*Pesca / casas para alugar / os preços / moradia

5) E, para sua vida, em que mudou?

a) Não mudou minha vida

b) Mudou minha vida

c) Foi indiferente

d)

Que

mudanças?: _____

6) O que financeiramente o turismo traz a você?

7) Você tem ou já teve algum estabelecimento comercial na Praia dos Ingleses? Algum familiar?

a) Sim

b) Não

c) Família

Especificar membro da família:-

Especificar que tipo de estabelecimento comercial:_____

8) Você tem ou já teve algum terreno na Praia dos Ingleses? Algum familiar teve?

a) Sim

b) Não

c) Família

d)

Justificativa:_____

—

9) Você é proprietário deste terreno em que você atualmente mora? Sempre morou onde você mora nos dias atuais?

a) Sim

b) Não

c) Família

Especificar se não mora mais:-

Desde
quando: _____

Por _____ quê:

10) Se tivesse outra oportunidade de trabalho, você gostaria de trabalhar com o turismo?
Como?

11) Você pensa que o turismo tem trazido mudanças à comunidade? Quais são estas mudanças?

Justificativa: _____

12) No seu ponto de vista o Governo faz algo em relação ao turismo na Praia dos Ingleses?

- a) Sim
- b) Não
- c) Em partes

Justificar: _____

13) O que falta para ajudar no desenvolvimento do turismo na Praia dos Ingleses?

14) De onde vêm a maioria dos turistas? Existem os que ficam morando? O que eles fazem aqui? _____

15) Qual a relação que os turistas têm com a população local?

Justificativa: _____

16) Você vê o turismo como um problema ou com uma solução para comunidade dos Ingleses?

a) Problema

b) Solução

c) Não muda em nada

Por

quê:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Nome Sr(a): _____

Idade: _____ Sexo: _____ Naturalidade _____

Domiciliado em: _____

De profissão: _____ RG: _____

Pesquisa: **“Turismo e transformações socioculturais na cidade de Florianópolis”.**Motivo de pesquisa: **Pesquisa realizada para elaboração de uma dissertação de mestrado pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI**

O(a) Sr(a) foi plenamente esclarecido de que ao responder as questões que compõem esta pesquisa estará participando de uma estudo de cunho acadêmico, que tem como objetivo caracterizar as mudanças socioculturais decorrentes do turismo nas comunidades do Balneário do Ingleses e Ribeirão da Ilha, na cidade de Florianópolis (SC).

Mesmo que o(a) Sr(a) venha a aceitar a participação nesta pesquisa, lhe é garantido desistir a qualquer momento, inclusive sem nenhum motivo, bastando, para isto, informar sua decisão de desistência da maneira mais conveniente. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem fim financeiro, o(a) Sr(a) não terá direito a nenhuma remuneração. A participação na pesquisa não incorrerá em riscos ou prejuízos de qualquer natureza.

Os dados referentes ao Sr(a) serão sigilosos e privados, sendo que o(a) poderá solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação da mesma.

A coleta de dados para a pesquisa será desenvolvida através de entrevistas individuais, garantindo-se privacidade e confidência das informações, e será realizada pela pesquisadora e mestranda: Thianne Durand Mussoi, sob supervisão da orientadora: Prof^a. Dra. Dóris Van de Meene Ruschmann.

Florianópolis (SC), _____ de _____ de 2007.

Assinatura (de acordo)

Participante do estudo

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)